



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ALEXANDRE CECONELLO MARINHO**

**HISTÓRIAS TRANS-CRIADAS:  
cuidado de si nas formas de (re)existir**

**CAMPINAS  
2018**

ALEXANDRE CECONELLO MARINHO

**HISTÓRIAS TRANS-CRIADAS:  
cuidado de si nas formas de (re)existir**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Educação.

Supervisora/Orientadora: Profa. Dra. Áurea Maria Guimarães

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO ALEXANDRE CECONELLO MARINHO E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ÁUREA MARIA GUIMARÃES.

**CAMPINAS  
2018**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s):** Não se aplica.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1477-5320>

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M338h Marinho, Alexandre Ceconello, 1985-  
Histórias trans-criadas : cuidado de si nas formas de (re)existir / Alexandre Ceconello Marinho. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Áurea Maria Guimarães.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Transexualidade. 4. Identidades. 5. História oral. I. Guimarães, Áurea M. (Aurea Maria), 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

#### Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Trans-created stories : care-self in ways of (re)existing

**Palavras-chave em inglês:**

Sexuality

Gender

Transsexuality

Identities

Oral history

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Mestre em Educação

**Banca examinadora:**

Áurea Maria Guimarães [Orientador]

Fabíola Holanda Barbosa Fernandez

Márcio Aparecido Mariguela

**Data de defesa:** 27-02-2018

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**HISTÓRIAS TRANS-CRIADAS:  
cuidado de si nas formas de (re)existir**

**Autor: Alexandre Ceconello Marinho**

**COMISSÃO JULGADORA:**

Profa. Dra. Áurea Maria Guimarães

Profa. Dra. Fabíola Holanda Barbosa Fernandez

Prof. Dr. Márcio Aparecido Mariguela

A Ata da Defesa assinada pelos membros da Comissão Examinadora consta no processo de vida acadêmica do aluno.

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Áurea Maria Guimarães, que acolheu meu projeto de pesquisa e durante todo o processo foi, para além de excelente orientadora, uma querida amiga; pelas orientações em horários alternativos, os cafés em sua casa ao final do dia, as histórias compartilhadas e a disposição e o modo amável e companheiro de conduzir os orientandos. A ela, minha admiração.

Agradeço, também, à professora Dirce Djanira Pacheco e Zan que junto com a Áurea coordenou o grupo de pesquisas Violar e participou do processo seletivo em que fui selecionado para ingressar no Programa de Mestrado em Educação da UNICAMP. Um processo justo, sem privilégios e corporativismo.

Agradeço aos meus pais, Maria Rosa Ceconello e José Carlos Marinho, que mesmo diante de todas as dificuldades me apoiaram nos caminhos profissionais e acadêmicos que escolhi. Agradeço especialmente à minha mãe pela referência de amor, cuidado, força e alegria no viver.

Agradeço aos meus grandes amigos, os mais antigos: Leandro Roberto Carneiro; Fernando Ortolano; Lívia Petelincar De Sordi; Débora Passos; Lucas Cutri; Alexandre Poddis; e, especialmente, Fábio Ortolano, com quem tanto descobri, aprendi e vivi os momentos mais marcantes da minha juventude.

Agradeço ao serviço público, nos diversos lugares que ocupei, onde pude iniciar, significar e ressignificar minha vida profissional e meu compromisso social.

Agradeço à Solange Cristina de Camargo Moreira Couto, Aline Zeeberg e Cleber Roberto Delphino, em nome de todos os amigos de luta que conquistei no trabalho e que levo para a vida.

Agradeço ao meu companheiro Leandro de Campos Paulino pelas experiências mais recentes da minha vida e pela compreensão neste processo.

Agradeço aos professores titulares e suplentes que participaram das bancas de qualificação e defesa de mestrado: Fabíola Holanda, referência nos estudos sobre História Oral; Márcio Aparecido Mariguela, querido e brilhante professor, pesquisador e analista; Tiago Duque; e Wenceslao Machado de Oliveira Júnior. Todos foram absolutamente receptivos quanto ao convite e cuidadosos ao avaliar este trabalho.

Agradeço aos professores e amigos da graduação que me instigaram à pesquisa e tanto tensionaram meus pensamentos sobre a prática do psicólogo e seu compromisso ético-político: Edson Olivari de Castro, Telma Regina de Paula Souza, Disete Devera, Tatiana Slonczewski Caselli Messias e Vanessa de Fátima Ribeiro Duarte.

Por fim, agradeço àqueles que foram os atores principais desta pesquisa, Yonara e Heitor, pela disponibilidade em oferecer suas histórias e por todo afeto e saber compartilhado.

Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é de tal modo sagaz  
que a mim de mim ele oculta.

Meu corpo, não meu agente,  
meu envelope selado,  
meu revólver de assustar,  
tornou-se meu carcereiro,  
me sabe mais que me sei.

Meu corpo apaga a lembrança  
que eu tinha de minha mente.  
Inocula-me seu patos,  
me ataca, fere e condena  
por crimes não cometidos.

O seu arдил mais diabólico  
está em fazer-me doente.  
Joga-me o peso dos males  
que ele tece a cada instante  
e me passa em revulsão.

Meu corpo inventou a dor  
a fim de torná-la interna,  
integrante do meu Id,  
ofuscadora da luz  
que aí tentava espalhar-se.

Outras vezes se diverte  
sem que eu saiba ou que deseje,  
e nesse prazer maligno,  
que suas células impregna,  
do meu mutismo escarnece.

Meu corpo ordena que eu saia  
em busca do que não quero,  
e me nega, ao se afirmar  
como senhor do meu Eu  
convertido em cão servil.

Meu prazer mais refinado,  
não sou eu quem vai senti-lo.  
É ele, por mim, rapace,  
e dá mastigados restos  
à minha fome absoluta.

Se tento dele afastar-me,  
por abstração ignorá-lo,  
volta a mim, com todo o peso  
de sua carne poluída,  
seu tédio, seu desconforto.

Quero romper com meu corpo,  
quero enfrentá-lo, acusá-lo,  
por abolir minha essência,  
mas ele sequer me escuta  
e vai pelo rumo oposto.

Já premido por seu pulso  
de inquebrantável rigor,  
não sou mais quem dantes era:  
com volúpia dirigida,  
saio a bailar com meu corpo.

**As Contradições do Corpo,  
de Carlos Drummond Andrade (1984).**

## RESUMO

Esta pesquisa buscou explorar os processos de subjetivação que dão sentidos às trajetórias de transexuais de um município de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Por meio de suas narrativas, buscou-se tensionar os discursos que naturalizam a identidade e patologizam um sofrimento que não reside no sujeito e dele emana, mas provêm das relações estabelecidas com a cultura e as normas, de sua constituição enquanto sujeito moral e da necessidade de saber e poder, como diria Foucault. A pesquisa se formou em torno da História Oral de Vida e dos procedimentos teórico-metodológicos desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meihy, coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO), e praticada por pesquisadores e autores como Alberto Lins Caldas, Fabíola Holanda e Áurea Maria Guimarães. Em um primeiro momento, foram escolhidos os colaboradores e suas entrevistas gravadas e transcritas. Posteriormente, as entrevistas foram textualizadas, a fim de se constituir um texto claro e mais compreensível, e em seguida transcriadas. Na transcrição, o pesquisador se utilizou da ação criativa para realizar mudanças no texto valendo-se de diferentes instrumentos literários. Neste trabalho, a transcrição constituiu-se em uma disposição estética que possibilita ao leitor diferentes entradas de leitura, com a implementação de pequenos poemas, além de diálogos com os entrevistados, o pesquisador e a contribuição teórica e poética de autores escolhidos. Os principais interlocutores teóricos desta pesquisa, dentre outros, foram Michel Foucault, Judith Butler e Stuart Hall. Estes autores auxiliaram na compreensão das experiências em sua singularidade e das práticas que reiteram ou resistem às normas, traduzindo as estratégias de existência, de sobrevivência e de cuidado de si.

**PALAVRAS-CHAVE:** sexualidade; gênero; transexualidade; identidades; história oral; transcrição; resistências.

## ABSTRACT

This research aims the processes exploration of subjectivation that provides senses to the trajectories of transsexuals of a medium-sized municipality in the interior of the São Paulo state. Through their narratives, we tried to stress the speeches that naturalize an identity and pathologize a suffering that does not live in the subject and from its come out, but has as source the relationship established between the culture and the rules, of its constitution as a moral subject and of the needs of knowledge and power, as Foucault would say. The research was built around the Oral History of Life and the Theoretical-Methodological Procedures developed by José Carlos Sebe Bom Meihy, coordinator of the Oral History Studies Center of Universidad de São Paulo (NEHO) and practiced by authors such as Alberto Lins Caldas, Fabíola Holanda and Áurea Maria Guimarães. At first, contributors were chosen and their interviews recorded and transcribed. Further, the interviews were textualized, aiming the constitution of a clear and more understandable text, and following with the transcreation. In the transcreation the researcher uses of the creative action to realize changes without text using different literary instruments. In this work, the transcreation was an aesthetic provision that allows the reader a different reading input, with the implementation of small poems, in addition to dialogues with the interviewees, the researcher and a theoretical and poetic contribution of chosen authors. The main interlocutors of the research, among others, were Michel Foucault, Judith Butler and Stuart Hall. These authors helped in the understanding of the experiences in their singularity and of the practices that remember and resist the rules, translating the existence strategies, of survival and of care-self.

**KEY WORDS:** sexuality; gender; transsexuality; identities; oral history; transcription; resistances.

## SUMÁRIO

<b>1. (IN)CORPORAÇÃO DA PESQUISA.....</b>	<b>11</b>
<b>2. FORMA-AÇÃO.....</b>	<b>17</b>
2.1. A História Oral de Vida.....	18
2.2. Foucault e as Tradições Filosóficas.....	22
<b>3. DOS SIGNIFICADOS E SENTIDOS.....</b>	<b>25</b>
3.1. PRIMEIRO ATO: Yonara.....	28
3.2. SEGUNDO ATO: Heitor.....	42
<b>4. VIDAS CONTADAS (E DIALOGADAS).....</b>	<b>50</b>
4.1. A história de Yonara.....	50
4.2. A história de Heitor.....	95
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>127</b>
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	128

## 1. (IN)CORPORAÇÃO DA PESQUISA

Sexualidade.

Minhas memórias expressam cenas da infância que marcam a minha história. Medos, assujeitamentos, resistências, sofrimentos e prazeres compõem com outros afetos sentidos que ainda não foram nomeados. A memória, na sua singularidade e movimento, narra uma inquietação constante com o corpo, um olhar duvidoso para a pele, no formato e movimento do braço, das pernas, do quadril, no olhar para o espelho, em busca das marcas que imprimem o gênero, das características necessárias à masculinidade tão requisitada por aqueles que apontavam seu distanciamento.

Havia uma angústia por aquilo que escapava!

De onde vem?

Por quê?

Como percebem o que a mim é(ra) imperceptível?

O medo de não-ser, do constrangimento, da solidão e da violência, muitas vezes, me levou a tentativas desesperadas de adaptação identitária, buscando que a diferença não fosse percebida e apontada.

E os territórios habitados durante boa parte da minha vida não permitiam que minhas diferenças se apresentassem sem que elas fossem negadas como forma de existência.

E na memória...

As brincadeiras infantis, por exemplo, reservavam a margem para a diferença: ser o último escolhido para formação de qualquer grupo, para qualquer atividade, era a materialização da rejeição.

Medo!

No entanto, a violência na marcação da diferença pelos grupos da infância trouxe em si os paradoxos: enquanto a gozação e as práticas de marginalização estavam para dentro, o grupo não permitia que os de fora praticassem a violência.

Nessa dialética desproteção-proteção, os vínculos afetivos constituídos iam conformando a subjetividade, entre assujeitamentos e processos de subjetivação: se havia um preço a ser pago ao grupo pela diferença de alguns integrantes vivida no seu interior, a experiência da diferença também era protegida pelo grupo aos perigos externos – uma espécie de pacto, de promessa!

E assim funcionava com todas as diferenças que permeavam o grupo da infância: para os gordos, os baixos, os migrantes, os negros. Na rua aprendíamos a lidar com as diferenças, os valores morais e os códigos de conduta que se impunham, reiterando exclusões e construindo resistências.

No contexto escolar ocorriam processos semelhantes, principalmente nas atividades que demarcavam as fronteiras de gênero, como o futebol na educação física, em que características como virilidade, força e velocidade eram supervalorizadas. No entanto, o jogo das relações era sentido muito menos protetivo e não havia um grupo de pertencimento tão forte como na rua. Os muros do estabelecimento continham discursos sobre as diferenças não mediadas pelos responsáveis e a situação de confinamento tensionava a violência.

No ensino médio, a violência física se tornou uma ameaça maior, evidenciando o quanto a cristalização dos valores morais e o impulso pela preservação dos códigos de conduta instituídos transformavam os sujeitos em agentes terceirizados da repressão. Na luta pelo controle dos corpos valia tudo, até apanhar na saída.

A participação na igreja católica, tradição transferida pela cultura familiar, também se apresentava como outra experiência em que a dialética inclusão-exclusão se materializava. Ao contrário da rua e da escola, em que as diferenças consideradas negativas eram ditas e se configuravam em campos de tensão evidentes, nos espaços religiosos, como os grupos de jovens, da catequese e da crisma, elas eram negadas, ocultadas, mas liberadas em espaços controlados: grupos de teatro, de música, concursos e festivais diversos permitiam uma atuação performática como forma de manifestação artística.

A faculdade foi um divisor de águas.

O período foi marcado por uma importante mudança no pensamento e na possibilidade de experienciar a sexualidade com maior espontaneidade.

O interesse em pesquisar o tema se deu no decorrer da graduação. Ainda que houvesse pouco apelo às temáticas sobre sexualidade e gênero no projeto pedagógico do curso de psicologia, foi através da aproximação com professores e disciplinas que tratavam do campo da saúde mental na saúde pública, em especial aquelas que apresentavam uma crítica à tecnologia biomédica e seu referencial de ser humano, que surgiu a necessidade de um aprofundamento da questão.

A experiência da Iniciação Científica, em duas pesquisas sobre cujo tema era a Reforma Psiquiátrica brasileira iniciada na década de 1970, muito influenciada por pensadores pós-estruturalistas, foi o início da compreensão da diferença crucial nos discursos sobre sujeito/indivíduo<sup>1</sup> em jogo e sua influência tanto na dinâmica política quanto no intento regulador da sociedade.

Nesse período, a partir da leitura de alguns livros e artigos, tive o primeiro contato com os escritos de Michel Foucault e suas reflexões em obras como *O Nascimento da Clínica*, *Em Defesa da Sociedade* e *História da Sexualidade*. Estas obras contribuíram para o entendimento da configuração de um aparato discursivo, um saber sobre a loucura que servia a interesses corporativistas e ao estabelecimento de uma biopolítica, através do biopoder. Chamou-me muito a atenção como Foucault desenvolvia seu pensamento e a sua construção narrativa produzindo uma história outra sobre loucura, sustentada por uma concepção de sujeito que se desenvolve através dos jogos relacionais, pela vontade de saber e poder; aquele indivíduo essencializado, universal, natural, predeterminado e passível de ser desvelado, deu lugar ao sujeito e a sua subjetividade.

O processo de graduação, as oportunidades que dele vieram e minhas escolhas me conduziram a um caminho de aproximação dos espaços de controle social, como os Conselhos de Saúde, e do Movimento Social LGBT da cidade em que eu estudava. A minha

---

<sup>1</sup> A palavra indivíduo, em seu uso cotidiano, tende a remeter ao sujeito, no entanto, afirma Spink (2011): “Foucault nos adverte que, semanticamente, essas distinções não são assim tão fáceis. Sujeito é nomenclatura ao léu semântico, pois ora é sinônimo de assujeitamento, de ser passivo diante de processos sociais impositivos; ora é sinônimo de possibilidade de subjetivação, de ter consciência de si”. O termo indivíduo tem uma carga essencializante, determinando-o como ser biopsicológico, a partir de um referencial estrutural positivista.

percepção em relação às relações de poder contidas nas falas daqueles que ativavam esses espaços ganhava cada vez mais sentido ao passo que a vontade de saber – ou o apelo ao conhecimento – e a pretensão do estabelecimento de verdades nas afirmações se configuravam em campos de tensão e conflitos.

Eu começava a compreender a subjetividade e seus meandros. E, como acontecimento, inaugurava um modo completamente diferente de pensar as dinâmicas sociais, a cultura, o fenômeno da violência; e a relação de poder se tornava fundamental na compreensão dos sujeitos.

Logo após a graduação, ingressei no serviço público como psicólogo e tive a oportunidade de atuar em diferentes serviços, entre eles o Programa de DST/AIDS do município de Santa Bárbara d'Oeste. Ali, tive o contato direto e cotidiano com o público LGBT, principalmente as travestis e as/os transexuais.

Mas, minha percepção sobre o acesso desta população às políticas públicas ultrapassava os muros daquele serviço: o nome social, por exemplo, elemento básico para garantir o mínimo de reconhecimento ao público trans como sujeitos morais era desconhecido pela maioria dos profissionais e gestores da época.

Ainda que o programa governamental de prevenção às DST/AIDS seja reconhecido como um dos palcos fundamentais, nos idos anos 1990, para a articulação dos primeiros grupos de ativismo brasileiro propriamente LGBT – e este ainda segue parceiro e articulador da emergência de lutas em muitas cidades brasileiras, como é o caso da que atuei como psicólogo –, enquanto equipamento de saúde, ele é tratado como depósito de toda uma população considerada marginal no campo da saúde; demandas de psicoterapia, de hormonização, de testes rápidos e aconselhamentos sobre DST/AIDS, dentre outras, eram deslocadas para este espaço pelo encaminhamento de outros serviços.

Apesar do público trans ter conquistado alguns direitos básicos no SUS, como o uso do nome social e a cobertura do processo transexualizador instituídos através de decretos federais, na prática cotidiana eles são muito pouco difundidos e efetivados. Nessa época, houve um movimento para que os profissionais e gestores pudessem tomar conhecimento das medidas e que o atendimento fosse minimamente qualificado neste sentido.

No Programa de DST/AIDS recebíamos muito mais do que demandas por atendimentos em saúde; eram compartilhadas histórias, memórias, medos, angústias,

resistências. E ali fazíamos rodas de conversa e articulação com outras políticas públicas, como para os casos de mudança do nome de registro e para o retorno à escola.

E assim foi se desenhando um projeto de pesquisa com o objetivo de ampliar a visibilidade às histórias de vida narradas por estes sujeitos.

A busca por um programa de mestrado que pudesse receber meu projeto de pesquisa se iniciou em 2012. Na ocasião, pesquisei diversos grupos de pesquisa de várias universidades que correspondessem ao tema do meu projeto e à perspectiva teórica da qual me inspirasse o diálogo.

Não foi uma tarefa fácil!

O número de vagas nos cursos *Stricto Sensu* ainda é restrito e bastante concorrido, mesmo com a significativa expansão da pesquisa e do ensino superior público na última década.

Além disso, ultrapassando os processos avaliativos que selecionam os estudantes – que de cara já exclui aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades e condições de estudo para competir –, senti a dificuldade para chegar à inserção nos programas, em virtude do privilégio concedido aos candidatos que detinham algum vínculo prévio com os orientadores, ou que vinham de alguma indicação do próprio grupo de pesquisa.

Em 2013, através da internet, encontrei o grupo VIOLAR – Laboratório de Estudos sobre Violência, Cultura e Juventude do programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Me inscrevi e participei do processo de seleção daquele ano, quando tive a grata oportunidade de ser aprovado, mesmo sem qualquer vínculo anterior com o grupo e seus integrantes; o mesmo aconteceu com todos os aprovados à época. Foram elementos marcantes, neste processo, o cuidado e a disponibilidade das professoras Áurea e Dirce que coordenavam o grupo de pesquisa, considerando, inclusive, minha limitação de tempo, pois, sempre tive que aliar o trabalho externo com o curso de mestrado, buscando horários alternativos para as orientações e demais atividades do universo acadêmico.

Na época, fui muito questionado por pessoas próximas quanto ao sentido de estar na Faculdade de Educação, sendo minha trajetória profissional marcada pelo campo da Saúde e muito próxima às disciplinas de psicologia social. O processo de mestrado me ajudou a desenvolver melhor a compreensão do conceito de educação para além do processo de escolarização, de instrução disciplinar.

Educar é “produzir o homem, construir sua identidade ontológica, social, cultural, ética e produtiva”<sup>2</sup>, por isso, toda relação é uma agência educadora: oferece elementos para constituição de sujeitos. A educação é, portanto, uma atividade social, histórica, de relações e de produção de subjetividades, ao que Gallo (2000, p. 20) chamou de “processo global”<sup>3</sup>.

Essa perspectiva reforçou o meu sentido de estar ali e a necessidade de desconstruir questionamentos que visam retirar a Educação como tema transversal aos diferentes campos de atuação e pesquisa nas ciências humanas e sociais.

---

<sup>2</sup> Segundo Nunes (1987, p. 30).

<sup>3</sup> Para formar integralmente o aluno não podemos deixar de lado nenhuma dessas facetas: nem a sua instrumentalização, pela transmissão dos conteúdos, nem sua formação social, pelo exercício de posturas e relacionamentos que sejam expressão da liberdade, da autenticidade e da responsabilidade. A esse processo global podemos, verdadeiramente, chamar de educação. Deste ponto de vista, os conteúdos a serem trabalhados são expressão da *instrução*, enquanto que as posturas de trabalho individual e coletivo se traduzem no *método* de trabalho pedagógico. A educação é, pois, uma questão de método. (GALO, 2000, p. 20)

## 2. FORMA-AÇÃO

**Forma:** maneira; aspecto; condição física a partir da qual um corpo se configura.<sup>4</sup>

**Ação:** atividade; energia; movimento; acontecimento; modo de proceder.<sup>5</sup>

O processo de incorporação do projeto que funda esta pesquisa, resultado da minha própria história – o que inclui as convergentes e divergentes experiências nos campos de trabalho, no universo acadêmico, nas relações familiares e com a religião, com diversos grupos sociais, com diferentes pessoas e modos de pensar –, produziu o interesse pelos temas sexualidade e gênero, principalmente em relação às histórias de travestis e transexuais com as quais eu tive contato.

Mas, foi no decorrer do curso de Mestrado que conheci a História Oral enquanto metodologia de pesquisa e pude me aprofundar no pensamento pós-estruturalista, principalmente em Michel Foucault, referencial teórico-filosófico que sustenta esta pesquisa e imprime, a partir História Oral de Vida de transexuais, um modo diferente de se tratar as questões de gênero, sexualidade e identidade no universo acadêmico.

A partir disso, a pesquisa foi ganhando corpo e se configurando da forma como ela aqui se apresenta.

A estética do registro é resultado de um processo não definido *a priori*. Obviamente, parti dos pressupostos básicos da metodologia inaugurada por Meihy. No entanto, não haviam hipóteses preestabelecidas e tampouco pretensa oferta de respostas gerais às questões produzidas antes e depois desta pesquisa.

Busquei viver a pesquisa como um acontecimento no pensamento<sup>6</sup> que não se encerra neste texto, mas que expressa uma maneira de ver, de ouvir e de sentir através do recurso dissertativo.

---

<sup>4</sup> Conforme Ferreira (2008).

<sup>5</sup> *Ibidem*

<sup>6</sup> Conforme desenvolvido no capítulo 2.2. *Foucault e as Tradições Filosóficas* desta pesquisa

## 2.1. A História Oral de Vida

Todo o processo que organiza esta pesquisa foi pautado nas experiências e orientações de Meihy e Holanda (2013), Caldas (1999) e Guimarães (2011), autores vinculados ao Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO)<sup>7</sup> da Universidade de São Paulo (USP).

Meihy e Holanda (2013) apontam que a pesquisa em História Oral tem como marca e elemento fundante a subjetividade. Uma de suas modalidades<sup>8</sup>, a História Oral de Vida, consiste em entrevistas não estruturadas, livre de questionários preestabelecidos; trata-se “da narrativa da experiência de vida de uma pessoa”<sup>9</sup> que é gravada (por equipamentos eletrônicos como gravador e/ou filmadora), transcrita, textualizada e transcrita.

Para Guimarães (2011), que realizou uma pesquisa com jovens militantes da cidade de Campinas, é através de entrevistas livres, sem perguntas indutivas, o ponto de partida da História Oral de Vida enquanto metodologia de pesquisa.

Pela exigência de ocorrer o mais livremente possível, as entrevistas geralmente são longas, constituindo histórias de acordo com a vontade e as condições de cada colaborador<sup>10</sup>. Essa forma de se fazer, facilita compreender os sentidos das experiências vividas pelo entrevistado em suas contradições, fantasias, afirmações e desejos. (MEIHY, 1994, p. 4)

No decorrer do processo de elaboração desta pesquisa, a escolha por apenas dois colaboradores foi considerada suficiente para que as narrativas pudessem ser mais bem exploradas e seus objetivos atingidos. Ou seja: uma vez que a atenção está voltada para as

---

<sup>7</sup> Apesar de existirem muitas outras possibilidades de se fazer História Oral, a escolha pelos autores vinculados ao NEHO deve-se a dois aspectos: o da colaboração, possibilitando a intervenção do entrevistado na fase da transcrição; e o da inclusão das narrativas em sua integralidade. Nesta pesquisa, as histórias integrais dos entrevistados encontram-se no capítulo 4: *Vidas contadas (e dialogadas)*.

<sup>8</sup> Meihy e Holanda (2013, p. 33-42) consideram a História Oral Temática e a Tradição Oral, além da História Oral de Vida, dois outros gêneros em História Oral. A Tradição Oral “trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro e suas possibilidades mais dilatadas” e, de modo geral, configura-se pelo testemunho transmitido oralmente de uma geração para outra. A História Oral Temática tem como base uma situação, um evento ou movimento vivido por determinado grupo, por isso “as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas”.

<sup>9</sup> Conforme Meihy (2005, p. 147)

<sup>10</sup> Segundo MEIHY (2005, p.124) o termo estabelece uma “relação de compromisso” entre o entrevistador e o entrevistado. Esta implicação de ambos para com as narrativas garante à transcrição (o resultado da pesquisa) um produto que tenha sentido não só para o pesquisador, mas, também, para o entrevistado, que não ocupará o lugar de um informante, mas, o de um colaborador.

versões singulares dos acontecimentos, é na subjetividade, no modo como o sujeito apreende determinadas questões e que em determinado momento conta sobre elas, que se garante “às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais”, originando-se daí um sentido diferente a “qualquer matéria que se classifique nos rigores dos métodos probatórios absolutos”. (MEIHY e HOLANDA, 2013, p.34)

A pesquisa em História Oral, apesar de não ter finalidade comprobatória – seu intento é inclusive afirmar a inexistência de verdades absolutas –, requer certo rigor ético quanto ao processo e demanda um planejamento. Meihy e Holanda (2013, p.29) destacam que a iniciativa planejada é ponto de partida para qualquer projeto de pesquisa e ponderam: “como empreendimento de trabalho, que implica busca, o projeto é provisório”. Além disso, a busca pela espontaneidade no momento narrativo não o abstém de intencionalidade: a entrevista só ocorre porque há um projeto com um tema que dá sentido à sua ocorrência.

Considerando, portanto, que a trajetória dos sujeitos é inevitavelmente marcada por processos culturais e históricos, a interlocução com o pesquisador é fundamental para a compreensão da relação cultura-subjetividade presente na narrativa, sempre à luz do tema mobilizador.

Guimarães (2011, p. 22-23), citando Leite (2008, p. 71-72), explica que “toda entrevista de história oral de vida é recortada por um ou mais temas específicos trazidos pelo pesquisador, seja através da pergunta de corte<sup>11</sup>, como propõe Meihy, seja pela própria definição das etapas do projeto”.

Meihy e Holanda (2013, p.29) citam seis momentos principais da realização da pesquisa em História Oral:

- 1 – elaboração do projeto;
- 2 – gravação;
- 3 – estabelecimento do documento escrito e sua seriação;
- 4 – sua eventual análise;
- 5 – arquivamento; e
- 6 – devolução social.

---

<sup>11</sup> A “pergunta de corte” é formulada com vistas ao tema e aos objetivos da pesquisa, comum a todos os entrevistados. Sua ocorrência se dará no momento oportuno, sem que ela interrompa a produção discursiva do colaborador e cabe ao pesquisador dar o tom da entrevista. Pode ocorrer de o entrevistado narrar sobre a questão sem que a pergunta seja disparada, isso a exime de sua ocorrência (MEIHY e RIBEIRO, 2011). A pergunta de corte nessa pesquisa foi: “como você começou a se ver trans, como isso se deu?”

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação, o tema da transexualidade – no escopo da sexualidade e do gênero – já estava decidido desde o momento da seleção e foi se constituindo no modo de fazer da História Oral de Vida, a partir do reconhecimento desta metodologia<sup>12</sup> nas orientações e nas disciplinas cursadas.

O meu interesse em pesquisar histórias de mulheres e homens transexuais que acessam o SUS em busca do processo transexualizador, através do Programa de DST/AIDS<sup>13</sup> do município em que trabalhei, se intensificava na escuta de suas narrativas durante os atendimentos. Os depoimentos expressavam, para além de situações de violência e sofrimento, táticas de resistência, sentidos diversos que as/os levaram à afirmação identitária, produzindo brechas nas reiterações que visam naturalizar o gênero. Inaugurando o que se transformou no projeto desta pesquisa, as/os transexuais se tornaram a comunidade de destino<sup>14</sup>.

Influenciados pela binaridade masculino-feminino que contém o gênero na formação das identidades sexuais, decidimos convidar dois colaboradores: a primeira, que se identifica mulher transexual e, o segundo, homem transexual. A adesão dos entrevistados por estas identidades foi fundamental para que ocorresse o convite, uma vez que a intenção desta pesquisa reside em explorar os processos de subjetivação que dão sentidos às suas trajetórias e que os levaram a se afirmarem como transexuais.

Portanto, a narrativa enquanto (re)construção do passado pela memória, através de emoções e afetos, se mostra flexível e os eventos narrados se dão à luz do vivido no presente. Além disso, pode evocar utopias, manifestar identidades e diferenças, confrontar relações de poder; e a possibilidade de diversas interpretações abriga sua potência, tornando-a viva; no entanto, cabe ao pesquisador dar o tom dessa experiência.

---

<sup>12</sup> Meihy e Holanda (2013, p. 65) apontam cinco possibilidades para qualificar a história oral: ferramenta, técnica, metodologia, forma de saber, disciplina. Neste trabalho, nos apropriamos da história oral como uma metodologia que privilegia as entrevistas como sendo o “epicentro da pesquisa”, além de centrar atenção na elaboração de um projeto, nos critérios para a realização e processamento das entrevistas e na análise que demanda diálogos com outros documentos.

<sup>13</sup> Nota-se que muitos LGBTs têm o Programa de DST/AIDS como porta de entrada aos serviços de saúde do município. Esta situação reafirma a dificuldade dos profissionais em lidar com a diversidade. Questões básicas como o Nome Social, por exemplo, era pouco respeitado no tratamento verbal às travestis e transexuais e no seu uso em fichas de atendimento, apesar da Portaria MS/GM nº 1.820, de 13 de agosto de 2009 garantir este direito.

<sup>14</sup> De acordo com Meihy (2005, p. 53-57), “comunidade de destino é aquilo que identifica pessoas, os motivos, os traços que as reúnem em características afins”, podendo se tratar de uma vila, um grupo religioso, um grupo ou movimento social, dentre outros. No caso desta pesquisa são as/os transexuais.

As entrevistas ocorreram em fevereiro de 2016, em local escolhido pelos entrevistados, a fim de se criar um ambiente agradável e favorecer a espontaneidade dos depoimentos. Yonara, a primeira entrevistada, sugeriu que nos encontrássemos no serviço de saúde onde ocorriam os atendimentos; Heitor, o segundo entrevistado, me recebeu em sua casa. Cada entrevista durou, em média, uma hora.

Posteriormente, procedi os três processos básicos da História Oral de Vida, conforme orienta Meihy (2005, p. 195-203): a transcrição<sup>15</sup> das gravações; a textualização<sup>16</sup> das entrevistas; e a transcrição<sup>17</sup> das narrativas, momento mais desafiador desta pesquisa.

De acordo com Meihy e Holanda (2013, p. 137),

(...) depois de exaustivamente trabalhado em todas as suas etapas, até chegar à transcrição, a entrevista deve voltar ao narrador/entrevistado para que ele se reconheça nela, faça durante o ato de conferência a validação que lhe garanta reconhecimento de si mesmo.

Portanto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>18</sup>, ou a Carta de Autorização e Uso das Entrevistas<sup>19</sup>, em que os sujeitos entrevistados oficializam a autorização para utilização de seus depoimentos, diferente das pesquisas tradicionais, foi entregue aos entrevistados para assinatura ao final das transcrições, como forma de garantir não somente a concessão da gravação da entrevista, mas todo o processo até sua transcrição. Neste documento constou, ainda, a permissão para uso ou não do nome social. Em caso de preferência do entrevistado por preservar o nome, foi colocado à disposição o uso de nome fictício, também à escolha do colaborador, o que não ocorreu.

O que pude perceber é que todas as escolhas, os contatos e as relações estabelecidas durante o processo produziram efeitos na produção desta pesquisa: desde a opção do tema, que não está desvinculado dos afetos do próprio pesquisador, à escolha dos

---

<sup>15</sup> A transcrição é o momento em que os depoimentos são “transcritos na íntegra”. (MEIHY, 2005, p. 53-57)

<sup>16</sup> A textualização é o momento em que as entrevistas são rearticuladas. Mais do que retirar as perguntas e os considerados “erros gramaticais” ou “equivocos linguísticos”, a ideia é transformar a entrevista em texto. Para Meihy (1991, p.30), esse processo permite tornar as entrevistas mais claras, no entanto, sem perder o sentido e as emoções expressas pelo colaborador.

<sup>17</sup> Para Meihy (1991, p. 30-31) a transcrição é “a fase final do trabalho dos discursos”, uma teatralização da narrativa por parte do pesquisador, que busque preservar a atmosfera da entrevista e seu sentido para o entrevistado; “o fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria mais postíça”.

<sup>18</sup> O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP, através do parecer nº 2.033.748 e CAAE 66953717.3.0000.5404, aprovou esta pesquisa.

<sup>19</sup> Conforme propõe Meihy e Holanda (2013, p. 148).

colaboradores, do local das entrevistas, da gravação e textualização das narrativas. Tal percepção reafirma que “o processo inteiro é de diálogo e de transcrição”, conforme sugere Caldas (1999).

## 2.2. Foucault e as Tradições Filosóficas

O pensamento de Foucault tem provocado em muitos pesquisadores modos outros de se compreender e escrever histórias e influenciado a invenção de tecnologias nos diferentes campos de saber, como a psicologia, a pedagogia, no escopo das ciências humanas, e até mesmo no terreno das ciências biológicas, como a medicina social e comunitária.

Considerado um expoente na pós-modernidade, Foucault é concebido como um autor da diferença. Apesar de tentativas no sentido de categorizá-lo como filósofo, ele nunca admitiu fazer filosofia no seu sentido tradicional, enquanto epistemologia; sua atenção esteve voltada para as relações entre verdade, poder e subjetividade, rompendo com a tradição filosófica que considera a organização da linguagem e do pensamento correspondente às coisas que elas visam representar<sup>20</sup>. Foucault (2000) está na contramão desse pensamento representacional quando escreve *As Palavras e as Coisas*, em 1966, afirmando que o próprio conceito de homem é uma construção moderna, recente, num momento em que a academia francesa estava tomada por essa imagem<sup>21</sup>.

Deleuze (2005), em seu livro sobre Foucault, o trata como “um novo arquivista” e um “novo cartógrafo” do pensamento, ocupando-se em compreender a construção histórica de discursos que produzem e mantêm saberes com *status* de verdade<sup>22</sup> e que atuam sobre o corpo social.

---

<sup>20</sup> Foucault é antagônico à filosofia do conhecimento, que produz verdades, dominante no ocidente. Ele se posiciona em um outro lugar do pensamento filosófico: suas influências estão em Nietzsche, Espinosa, Epicuro, Epiteto, nos Cínicos, enfim, em outra tradição filosófica, que inclui Kant, o da ética e não o da analítica da verdade.

<sup>21</sup> Nietzsche propusera o “super-homem” ou “o homem além do humano”, no XIX, acreditando que é possível ser diferente do que somos.

<sup>22</sup> A verdade que, enquanto mecanismo de poder, se dilui nas relações sociais, no seu uso por sujeitos e coletivos nas práticas cotidianas, de forma heterogênea e dispersa.

Por isso, Foucault não é concebido como um filósofo da continuidade, aquele que, a partir de sistemas que sustentam verdades, constrói seu pensamento, mas, da dispersão e da ruptura, inquietando-se sobre como é que tais saberes se tornaram verdades em determinado momento da história: um trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento. Foucault buscava compreender a história do conhecimento e não produzir mais uma. Neste sentido, cada pesquisa é – ou deveria ser – uma aventura do pensamento, uma experimentação, sem esquema prévio de interpretação.

Em sua longa contribuição ao pensamento histórico-filosófico, já no final de seus trabalhos, Foucault começa a aprofundar sua reflexão sobre a subjetividade e a demarcar o antagonismo presente em seu pensamento.

A partir de suas pesquisas sobre as filosofias antigas, na aula de 06 de janeiro 1982, que vai compor o livro *A Hermenêutica do Sujeito*, por exemplo, Foucault (2006) trata das duas vias filosóficas no ocidente: a filosofia enquanto conhecimento e a filosofia enquanto espiritualidade. A primeira, centrada no princípio grego *gnôthi seautón* – conhece-te a ti mesmo –, tornou-se hegemônica, atravessando a história moral; a segunda, centrada no princípio grego *epiméleia heautoû* – cuidado de si – predominante na antiguidade, no entanto, marginalizada no ocidente. Foucault questiona, então, o porquê da prevalência entre nós de uma filosofia do conhecimento em detrimento de uma filosofia da espiritualidade.<sup>23</sup>

O autor aponta que a origem do conceito *gnôthi seautón* na cultura grega foi atribuído pela Filosofia, em especial após Sócrates, por Platão, ao ter como fundamento a ideia de uma natureza humana, de um ser racional, que vive uma cisão entre o seu corpo, fonte de erros e ilusões, e a alma imortal, origem do verdadeiro conhecimento. É através deste pensamento que se toma como pressuposto uma verdade que existe *a priori*, em sua essência, e que pode ser encontrada por aquele que a buscar.

A *epiméleia heautoû* atravessou a cultura e a filosofia greco-romana na antiguidade, sendo qualificada como um “acontecimento no pensamento”, uma inquietude que promove uma descontinuidade de rumos na história. Não há no sujeito uma interioridade a ser desvelada, tampouco uma exterioridade transcendente: tudo está no corpo e na sua relação com as palavras e as coisas. Portanto, a ideia de espiritualidade

---

<sup>23</sup> É assustador nos darmos conta de que ficamos com o pior da tradição!

dominante no ocidente se deve à influência da teoria cartesiana e sua difusão pelo cristianismo como uma divisão metafísica entre corpo e alma. Foucault retoma a espiritualidade no sentido grego, como sendo um exercício reflexivo de si para consigo mesmo, uma forma de fazer a vida e torná-la melhor.

Em *A Coragem da Verdade*, Foucault (2011) diz que enquanto o pensamento platônico se ocupa de uma “outra vida”, com um certo desprezo pelo corpo e no prestígio de seu assujeitamento moral, a filosofia da espiritualidade indica a valorização da relação reflexiva de cada sujeito com a verdade, permitindo processos de subjetivação autônomos e verdadeiros<sup>24</sup>. Foucault está tratando, portanto, de uma ética da existência ao propor a inquietação e a participação ativa dos sujeitos na formação das subjetividades como pressupostos para o cuidado de si.

O cuidado de si também perpassa o governo dos outros, o que implica as relações e seus jogos de saber e poder, os conflitos, as tensões e não um processo isolado do social. Portanto, sendo a relação uma prática de conflitos, constituir-se sujeito é ser capaz de governar-se a si mesmo e também ser governado pelos outros: os processos de subjetivação ocorrem tanto através dos assujeitamentos quanto pela reapropriação da existência. Por isso, para Foucault (2011), os mecanismos de poder sempre estarão em jogo nas relações com as práticas de liberdade.

---

<sup>24</sup> A verdade, neste caso, se insere numa outra chave de significação, pois não é desvelada ao sujeito que a busca, mas é constituída e afirmada pelo próprio nas suas relações, nem sempre seguindo uma expectativa moral.

### 3. DOS SIGNIFICADOS E SENTIDOS

Este capítulo se origina a partir de um dilema que a própria metodologia da história oral me colocou: a transposição do oral para o escrito e a tensão entre a ideia de significado e sentido.

Início este pensamento a partir da análise que Meihy e Holanda (2013, p. 98) desenvolvem na unidade V, item 11: *História, Escrita, Subversão e Poder*.

Os autores analisam historicamente o impacto da escrita sobre a oralidade, que “sempre se fez como forma de se exercer poder e, desde o princípio, impôs um dilema entre os dois códigos”. (MEIHY e Holanda, 2013, p. 93).

Como sabemos, o uso da grafia inaugurou a própria História enquanto disciplina. Foi a partir da estruturação gráfica da linguagem que se constituíram sistemas de códigos capazes de serem lidos, decifrados e interpretados em diferentes tempos. Os arquivos produzidos através desse sistema de registro foram institucionalizados como “memória”.

Desse modo, a escrita passou a exercer um poder dominante diante da oralidade, tornando-se instrumento oficializador dos atos da vida em geral, diante da possibilidade de registro e fixação. No entanto, às camadas mais pobres e sem o domínio do código escrito permaneceu a passagem pela transmissão oral, muitas vezes submetidas ao mecanismo do poder estabelecido.

A própria linguagem enquanto ciência foi organizada em um aparato tecnológico visando ordenar um modo supostamente correto de falar e escrever. Em outras palavras, um intento de significar e representar os fatos, as memórias, a experiência singular e coletiva do vivido<sup>25</sup>. E é desse conjunto de normas e regras disciplinares que a linguagem se configurou em um dispositivo que busca estabelecer a representação de coisas supostamente verdadeiras, como é o caso das identidades, por exemplo.

Rodrigues (2012) aponta que “o signo fará a ligação arbitrária entre um conceito e uma imagem acústica, entre um significado e um significante, e será ao mesmo tempo marca de presença do significante e ausência do significado”, explicando o que Derrida (2004b)<sup>26</sup> chama de “autoridade da linguagem” em sua crítica ao estruturalismo.

---

<sup>25</sup> Foucault (2000; 1988) já denunciava isso em *As Palavras e as Coisas* e em *Isto não é um cachimbo*.

<sup>26</sup> apud Rodrigues (2012, p. 143).

O signo, portanto, aponta como um sinal, uma marca, um traço no lugar de outra coisa; o signo não coincide com a coisa ou o conceito em si; é a ilusão de ver o signo como a presença do referente necessária para que o signo funcione<sup>27</sup>. É a impossibilidade dessa presença que obriga o signo a depender do processo de diferenciação, da diferença. (SILVA e HALL, 2000)

Por isso, ao se falar em significado sugere-se algo que é e que se pode representar de forma objetiva. Mas, ao utilizar o conceito de sentido, a palavra é concebida como um instrumento que funciona em um contexto discursivo, considerando todo o processo de diferenciação que ela dinamiza.

Durante o processo transcriativo das entrevistas circulei por diversas formas de produção textual e senti a tensão do risco de reduzir histórias tão complexas, tão carregadas de afetos, com tantos paradoxos, rupturas e resistências em simples significados registrados em papel, considerando o poder exercido por uma pesquisa acadêmica.

Sem a pretensão de abarcar toda essa complexidade da experiência vivida e contada pelos colaboradores, apresentei no tempo da qualificação desta pesquisa um registro transcriado das afirmações que me saltaram aos olhos ao revisitar diversas vezes a transcrição literal e a posterior textualização das entrevistas, sem desconsiderar também os meus afetos.

Imerso em um jogo literário, busquei apresentar uma estética textual que permitisse ao leitor experienciar diferentes sentidos de uma história registrada em palavras a partir do seu modo de entrada no meu modo de escrita.

Dividido em colunas e com certa irregularidade gramatical, a inclusão, os retornos, enfim, a dinâmica escolhida pelo leitor poderá produzir diferentes afirmações, quebras, rupturas, reiteraões, paradoxos, faltas.

Um simulacro da própria condição da linguagem e sobretudo da existência humana.

---

<sup>27</sup> Ao que Derrida (2004b, apud RODRIGUES, 2012) chama de “metafísica da presença”.

Uma história pode ser contada de diversas formas.

Pode sugerir a reiteração de significados ou pode provocar sentidos diferentes.

A seguir, apresento a transcrição das narrativas realizadas no período que antecedeu a qualificação. Nela, trabalhei com as afirmações dos colaboradores que mais me afetaram.

Feita na forma de um jogo, caberá ao leitor entrar na brincadeira e construir o seu caminho a partir do modo como eu, pesquisador, escutei essas vozes.

### 3.1. PRIMEIRO ATO: Yonara

Eu construí  
uma personalidade transexual.

Fui passando por fases...

Mas eu não sou travesti.

Eu não sou um fetiche!

Sou transexual.

Não é pra ser um fetiche sexual,  
não é pra sexo!

Eu nasci assim,  
não optei por ser transexual.

Uma mulher com pênis!

Eu me sinto assim.

As coisas  
não aconteceram de imediato!

Primeiro, fui gay.  
Depois, travesti!

Um fetiche!

Entendeu?

Eu sou uma mulher transexual!

Mas aceitei completamente  
minha condição de ser  
uma mulher.

Estava dentro de mim!

Eu precisava viver assim.

Senão eu ia acabar me matando

Na tentativa de suprir

essa dor.

Se você foge da regra normativa,

você está fadada a sofrer!

É que a gente é visada.

E eu coloquei para fora...

Para que eu pudesse

sobreviver

e não precisasse me matar!

É muito difícil ser diferente!

Falo de todas as diferenças

que existem no mundo!

É muito preconceito!

***É uma perseguição***

***Volta pro inferno, capeta!***

***Gritam na rua***

***Alguns oferecem dinheiro,***

***Somos ligadas à prostituição.***

É puta!

Não tem dinheiro!

Vive à margem!

Vai fazer um escândalo!

É VERDADE

É que a gente

aprendeu a se defender

Eu já apanhei de pessoas na rua.

Eu fico com medo...

Eu não sei reagir!

Eu gostaria de saber reagir!

Não tem trabalho!

Não tem escolaridade!

Vai te assaltar!

ISSO NÃO

No berro.

É assim que a gente é ouvida!

Mas eu nunca

briguei com ninguém.

Eu gostaria de bater!

Mas e se eu fizer isso?

Serei exatamente o que

as pessoas querem que eu seja!

Mas não faz parte  
do meu mundo!

Sociedade,  
Família,  
Escola.

Porque o xingamento  
é sempre o mesmo!

É vexatório;  
é vergonhoso;  
é constrangedor;  
é horrível essa sensação!

É sempre muito cruel!

É muito difícil!

Tudo!

É péssimo!

*Bicha!*

*Viado!*

*Gay!*

*Traveco!*

O que é isso!?

As pessoas não te conhecem,  
elas te veem  
e elas vão te xingar!

Você vai ser motivo de chacota  
a partir do momento  
que você sai da sua casa  
até a hora que você volta!

Porque eu não me adequo  
aos padrões!

É um direito meu!

É buscar fazer valer a minha voz?

Eu preciso me defender!

Entendeu?

É inadequado!

Mas eu quero ser tratada  
de igual pra igual!

E aí!?

Eu sou uma pessoa  
que se defende todo o tempo  
Eu vivo na autodefesa!

Porque eu estou sempre  
com medo de ser machucada!

De certa forma  
é assumir-se  
de qualquer jeito!

O desejo de colocar  
roupa de menina,  
de me vestir  
como as minhas irmãs...

Qual a grande diferença?

Eu não fui livre  
para fazer a minha escolha!

Em tudo reprimem.

Mas é isso, eu sou assim!

É isso que eu quero fazer!

O que eu me lembro?

Com três  
ou quatro anos de idade...

Fui repreendida  
pela minha mãe  
e pelo meu pai  
que nem fala mais comigo!

Se eu tivesse sido livre...

“Olha essa roupa!”

“Mão fala isso  
no churrasco da família!”

“Não faz isso!”

É isso que eu sou!

Assim!

Por que você já falou

o que você quer!

Entendeu?

Eu passei

dezoito da minha vida

tentando ser alguém

para minha mãe

e para meu pai.

Uma das freiras

da igreja

veio me questionar

sobre a minha sexualidade!

Eu tenho tanto ódio dela!

Irmã Lúcia.

O que é isso?

É uma afronta?

Certa época da minha vida,  
fazer parte da minha família  
era ser 24 horas afrontada.

Eu frequentava

a igreja católica.

Eles se incomodam tanto com isso

né!?

Para uma criança  
de onze anos!

Eu nem imaginava como era  
o que era!

Eu só descobri a sexualidade  
depois que eu tive  
um programa sexual  
aos dezessete anos!  
Porque a gente  
só é procurada para sexo!  
E a gente acaba fazendo!

As pessoas me agrediam muito.

“Caso você seja homossexual,  
era bom que você  
mantivesse o celibato”.

Foi uma afronta para mim!

Passaram-se tantos anos  
e tantos homens...

Eu fui trabalhar  
com quatorze anos de idade  
na Zona Azul.  
Na rua.  
Gritavam  
“Oh, viado!”

Tinha um cara  
na rua quinze de novembro,  
ele vinha  
e jogava papel em mim!

Sempre sofri  
Sozinha!

Tinha vergonha!

A humilhação é horrível.

É dolorida!

Mas eu não nasci  
para ficar trancada!

E minha mãe  
não sabe da missa a metade  
de tudo o que eu já vivi  
e ouvi  
nessa vida!

Calada!

Tinha medo!

Porque eu já era  
tão repreendida...

Não tinha coragem de falar.

Talvez

Seja por isso  
que hoje eu tenho essa necessidade  
de GRITAR!

Preciso mostrar o meu lugar:

é aqui que eu tô;

eu vim pra isso!

Entendeu?

Hoje

é um pouco mais fácil

algumas mães aceitarem!

Eu já fiquei na rua...

Eu usei

cocaína, álcool, crack,

até minar todas

as minhas possibilidades

de continuar vivendo

nas drogas!

Então,

não passa por cima de mim

que você vai se arrepender!

Por isso essa fama!

A principio,

nenhuma mãe aceita.

Por isso a maioria tá na rua!

Era muito melhor ficar na rua

do que ficar dentro da minha casa.

Eu não sentia nada.

Foram uns dois ou três anos  
assim!

“Pelo amor de Deus,  
alguém me ajuda!”

Eu busco um lugar na sociedade,  
um lugar de respeito!

Eu usava drogas  
em todos os momentos  
da minha vida.

Eu não tinha um  
momento de sobriedade.

E tudo isso fez parte  
do meu grito de misericórdia!

Hoje,  
eu sou respeitada  
por poucas pessoas  
que me conhecem,  
que sabem como eu sou.

Esses dias,  
Uma moça nova,  
jovem,  
me atendeu na loja.  
Eu perguntei pra ela  
se tinha um pó de rosto

na minha numeração,  
no meu tom de pele.  
“Ele quer o pó número quatro”,  
disse ela pra gerente!  
“Ele quem?”,  
eu respondi.

Na calma, porque eu sou fina!

“Ai, nossa, desculpa!”,  
se reparando imediatamente.

Porque faltar  
com o respeito comigo?  
Simplesmente por eu ser  
uma pessoa trans?

Um total descaso!

Eu,  
Yonara,  
de cabelo solto,  
toda maquiada,  
com meu short´s,  
meu sutiã!

O meu gênero  
está estampado na minha cara!

O pronome de tratamento  
do meu gênero  
é feminino!

Eu vou ensinar,  
mas,  
vai ser do meu jeito!

Eu costumo dizer  
que bicha de noite na rua  
é bonito,  
bicha no supermercado  
é feio!

Agora,  
ninguém mexe com viado  
no seu ponto!

É no feminino!

Quem não aprende pelo amor,  
aprende pela dor!  
Foi assim comigo,  
vai ser assim  
com os outros também!

Porque  
é isso que a sociedade cobra:  
travesti vendendo o corpo  
na esquina!

Já reparou?

Já ouviu falar?

Mexe, pra ver!

Ninguém mexe.

Agora,

se você vai à padaria

comprar um pão de manhã,

tem um engraçadinho

para te xingar!

Se você vai ao mercado

fazer uma compra,

tem um palhaço para rir de você.

***Travesti vendendo o corpo na esquina***

***A sociedade aceita na boa***

***No seu ponto ninguém mexe com o viado***

***Mas se tá no mercado***

***Destoa!***

***E violenta a quem discrimina.***

### 3.2. SEGUNDO ATO: Heitor

Esse negócio  
de me perceber homem...

Não foi de imediato!  
Porque nunca ninguém  
me explicou nada sobre isso.

Meus pais  
não tocavam no assunto,  
não conversavam.  
Eu tive  
uma educação conservadora!

Não se falava  
sobre sexualidade.

As coisas que eu conhecia  
não eram coisas que  
me despertavam interesse!

Então eu fui criança  
até começar aparecer  
as transformações  
no meu corpo.

Minha mãe  
sempre falava  
para eu não mexer  
na borboleta!

***Então eu cresci entendendo  
que era um lugar  
em que não se podia mexer.  
Veio a puberdade,  
veio o desejo  
e eu descobri  
que todas as vezes que eu me tocava  
sentia prazer!***

Mas eu tinha  
a curiosidade  
de saber  
como funcionava isso.

Queria saber das coisas  
que não eram de criança!

A gente já tinha a internet.  
As respostas e possibilidades  
estavam por esse meio!

Talvez,  
não fosse esse recurso  
eu não teria entrado  
nesse processo  
de me questionar.

Eu era católico.  
Sentia culpa!

Ainda criança...

Foi quando percebi  
que esse assunto  
ficava mais entre os amigos!

Era um tabu!

Lembro-me  
de um e-mail que eu recebi  
de uma pessoa  
em que ela me chamou  
no feminino.

Foi um estalo!

Não me reconhecia...

Foi tenso o troço!

Deu uma crise de estresse.

A impressão que ficou  
Foi do tempo  
perdido

Poderia  
não ter sido tanto assim  
se na vida real  
fosse uma coisa  
mais natural.

O meu nome de registro.

Eu não queria  
ser tratado assim!

E eu tinha  
combinado  
de sair com um rapaz.

E o meu corpo  
começou a paralisar!

E a gente foi ao hospital.

Eu estava  
vivendo uma coisa  
que no fundo eu não gostava!

É difícil falar  
que desde pequeno  
eu queria.

Eu acho que seria  
um interesse masculino  
de gênero,  
de ter o corpo,  
de adequar!

Quando eu converso  
Com as pessoas  
que são próximas

eu converso  
de igual para igual.

Sobre relação sexual...

o mais natural possível  
para um transhomem  
Seria se relacionar  
com outro transhomem,

pela semelhança  
da natureza do corpo.

É difícil falar,  
hoje,  
inclusive.

Depois de ter aflorado  
a identidade...

eu converso  
de forma muito natural...

eu acho essa coisa  
da atração natural...

pela empatia  
pela afinidade

Eu falo  
que seria mais fácil.

A relação

é uma coisa  
com uma mulher cis

é outra coisa  
com um homem cis

ou com uma travesti  
é outra.

E tem essa coisa do nome.

Ter que mostrar  
o documento.

Presumir o barraco!

Não quero ficar  
treinando comunicação.

Estou falando das peculiaridades  
de que cada corpo expressa...

com um homem trans

é outra coisa

com uma mulher trans

completamente diferente

São universos diferentes.

O nome social  
é outra dificuldade!

Ter o barraco...

Não aguento!

Não quero bater boca  
por causa de nome social.

Pesa!

É inadequado!

Ainda bem  
que eu me distanciei  
do que eu entendi  
que não teria naturalidade  
para continuar o contato.

Eu não quero ver  
na minha frente  
mais da metade das pessoas!

Então...

A escolha não é deles!

É viver na cidade  
como se eu estivesse  
morando em outra.

É cansativo!

Não fosse  
esse tratamento pejorativo,  
em que eu sou tratado  
como um palhaço  
pelas pessoas,  
seria tudo muito tranquilo!

Família...  
Eu não quero trombar!

Porque eu lembro muito  
do que meu pai falou:  
“aqui em casa você é muié!”

Você espera sentado  
de que isso vá acontecer!

Eu cortei as relações!

Eu tive uma serie  
de descontentamentos.

Em relação ao trabalho...

Eu era guarda municipal.

Eu me desgastei  
demais!

Eu não aguentava mais!

Eu ainda tinha que ir lá  
responder sobre as faltas...

Sabe por que eu faltei ao trabalho?  
As faltas foram sintomáticas.

Sintoma desse quadro todo!

***Eram muitas perguntas inconvenientes***

***Sendo eu o diferente***

***Adoeci!***

Acabei virando  
meio que um bobo da corte.

Em muitos momentos  
eu me sentia uma piada!

Eu

Não hormonizado  
com voz fina  
corpo feminino...

falando que sou homem  
pra um monte de gente  
que não entende  
esse negocio!

E agravou o fato  
de não ter ninguém  
igual a mim  
lá!

Esse negócio  
de ser sempre  
escolhido por último  
nas atividades que tinham...

Eu era escolhido  
por falta de escolha.  
Primeiro, os mais velozes  
Depois, os mais legais  
Então, os medianos  
E depois as mulheres  
Por fim, eu.

Eu entendo  
que o “respeito” que eu tive  
foi o respeito na marra.  
Porque  
lá dentro dá merda!

Aí vem  
a transfobia,  
o machismo!

Eu me sentia muito sozinho!

Era pesado!

Eu não sou considerado gente.  
O que acontecia  
é que não queriam  
dar ouvidos para mim!

Eu não fico insistindo  
para que as pessoas  
me ouçam no grito!

## 4. VIDAS CONTADAS (E DIALOGADAS)

### 4.1. A história de Yonara

*Ser transexual, hoje, é fazer parte de uma minoria abusada em todos os sentidos, em questão de ser humano. (...) Não existe nenhuma recompensa em ser transexual, e não é uma opção, não é uma escolha: ou você deixa sair, ou você morre sufocada, ou você se mata!*

Sua presença é sempre muito marcante nos locais por onde passa! Seja talvez por sua beleza e fortes traços, ou na forma como resistia ao estranhamento alheio, muitas vezes à falta de respeito, como se posicionava nas relações e seguia em frente.

A questão é que a Yonara se tornou para mim uma referência de resistência, força e beleza. Era impossível ser indiferente aos afetos que suas histórias provocavam.

Eu a conheci em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) da cidade em que trabalhei como psicólogo, quando iniciamos um vínculo profissional.

Foram quase dois anos de contato semanal, até que fui transferido para outro serviço de saúde.

Logo depois, quando iniciei com outros profissionais um grupo de hormonioterapia para travestis e transexuais no Centro de Especialidades da cidade, pudemos, novamente, ter um contato frequente.

Em nossas conversas, Yonara sempre se mostrou uma pessoa de convicções, combativa, mas, ao mesmo tempo, de uma imensa doçura e uma capacidade impressionante de ressignificar conflitos e seguir a vida.

Uma pessoa muito agradável de se estar e admirável.

O vínculo que estabelecemos era de troca: ao mesmo tempo em que ela me procurava para tratar de suas necessidades e falar sobre a vida – a sua vida – eu a tinha como referência quando elaborava qualquer oferta de serviço direcionado ao público LGBT. E eu fazia questão de saber sua opinião!

O meu interesse por sua história, pela forma como resistia e enfrentava os embates da vida, e os afetos que me atravessavam, foram determinantes no convite para sua participação nesta pesquisa.

Meu desejo é que sua voz possa ser ouvida por outras pessoas!

Yonara topou o convite na hora.

Por ser um lugar de fácil acesso para ambos, agendamos a entrevista no serviço de saúde que estávamos acostumados a nos encontrar, logo após o meu expediente de trabalho.

Eu estava ansioso para a entrevista e com o que ela poderia me contar.

Apesar de conhecê-la há algum tempo, os lugares que ocuparíamos naquela ocasião se diferenciava. O destino da entrevista e o fato de gravá-la também desestabilizavam o momento.

Além disso, eu sentia a necessidade de mostrar para ela que cuidaria bem de seu depoimento, afinal, ele estaria presente comigo durante todo o percurso do mestrado.

Yonara chegou!

Pontualmente.

Estava com a maquiagem impecável!

O brilho dos seus olhos marcantes clareava a sombra feita a mão!

Ao entrarmos na sala, expliquei para ela que a pesquisa consistia na história oral de transexuais, que a entrevista era livre e que ela poderia falar o que sentisse vontade, afinal, não tínhamos tempo determinado para o encerramento.

Ao iniciar a conversa estávamos tensos; o gravador inicialmente inibiu sua fala. Yonara sugeriu que eu fizesse perguntas, pois assim seria mais fácil de contar.

*toc toc*

Alguém bateu à porta e interrompeu a entrevista.

Ao retornar, tentei quebrar o gelo, falando de outro assunto, para em seguida retomar a gravação.

Nesse momento já estávamos mais tranquilos, e a entrevista fluiu muito bem.

Depois de um tempo, nem lembrávamos mais do gravador...

Eu não sei qual a melhor, mas, vou colocar dessa FORMA...

Que eu não gostava de meninas eu já sabia desde muito cedo, desde criança eu soube!

E  
Não  
(P)era

Assim...

Eu sentia...

A personalidade transexual.  
Principalmente nos gostos ela sempre esteve presente.

Eu sentia...

Muita atração!

Pelo que?

*O universo feminino: maquiagem, querer passar maquiagem; de gostar de um cabelo mais comprido, que são características das meninas!*

*Então, isso sempre esteve presente na minha vida.*

*Na minha formatura do terceiro ano do ensino médio, eu estava toda maquiada e ainda não era nem assumida! Eu tinha dezessete anos. Com dezoito ou dezenove anos eu comecei a fazer – era dezoito – um curso de cabeleireiro. Aí, eu tive contato com o pessoal gay mesmo, com a galera que era assumida e tal, e foi quando eu resolvi assumir que eu era gay, homossexual, e que as coisas iriam melhorar!*

Houve uma tensão inicial!

Porque o objetivo da conversa e o gravador ligado foi suficiente para desestabilizar a relação entre nós.

Apesar da conhecida sala, a mesma disposição das cadeiras e a antiga pintura desbotada pelo tempo, o território já não era o mesmo. E isso alterou o modo até então conhecido de conversarmos, exigindo a busca de uma forma-outra de nos posicionarmos!

Esse estranhamento que nos levou – e principalmente Yonara – a estrear uma forma inédita – entre nós – de dizer, empreendendo-a como prática discursiva, me remeteu à ideia de *performance*, defendida por Judith Butler (2003): a reiteração de um conjunto de atos de linguagem que não descrevem, mas constituem os sujeitos dentro de campos discursivos de saber e poder.

*Porque a certeza que vem é que a vida melhora. E realmente melhora! As coisas, num primeiro momento, melhoram sim!*

*Porque é um*

**ALÍVIO**

É uma

**SENSAÇÃO**

assim...

que...

**NOSSA!**

Sabe?

E neste momento narrativo quem dispunha do saber era Yonara!

Percebo-a produzindo um tom afirmativo na entrevista através de sua fala eloquente.

A colaboradora nos mostra como suas afirmações fazem sentido num movimento de atração, sobretudo, de ideias que se materializam no corpo; um “puxar para si” tudo aquilo que ela considera do “universo feminino”, como a maquiagem e o cabelo comprido.

Apesar desta entrada na entrevista, a dimensão do sentido também escapa às palavras. Algo paradoxal se expressa, como se diminuísse em sua intensidade, num alívio, e, por outro lado, se ampliasse numa nova sensação, que...

Nossa!

É inexplicável!

*E foi tudo muito rápido! Porque, quando eu me assumi, eu já sabia que eu queria me maquiar, que eu queria colocar roupa feminina!*

*Eu já sabia disso!*

*Então, a princípio, eu conheci algumas pessoas que se montavam pra ir à boate, na balada e tal. Duas semanas depois, uma bicha perguntou se eu queria me maquiar, por uma peruca e não sei o que. E eu topei!*

*Na outra semana, eu já fiz isso sozinha! Daí, eu fiz na outra e na outra e na outra... E comecei a pedir pra minha mãe fazer roupas.*

*Três meses depois eu virei pra minha mãe e falei:*

*\_\_\_Mãe, eu vou virar travesti e é isso que eu quero pra mim.*

*Aí ela falou assim pra mim:*

*\_\_\_Essa vida é muito difícil!*

*Aquela coisa toda, né?*

*Mas, é uma COISA*

que e pelo dedo.

s c  
a  
p  
a

Sabe?

Mas que também é compartilhada(vel) e numa dinâmica intersubjetiva se faz entender.

A história de si contada pela Yonara performatiza características convencionadas femininas – instituídas como norma – apreendidas desde a infância. A reiteração dessas normas, através de atos performativos, imprime a ideia de um gênero inato, como se ele naturalmente “estivesse lá” em seu corpo.

No entanto, a construção social e também subjetiva do gênero

não apenas ocorre *no* tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou *ritual*, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos

É um **negócio...**

Sabe?

*E não tem como você fazer diferente!*

*Tanto é que eu já ouvi histórias de transexuais e de travestis que deixaram por algum tempo de ser, que se transformaram em homem – “homem” – e logo depois ou se mataram ou voltaram pra aquilo que foi herdado.*

Eu acredito

que é uma herança,

ou sei lá o que, né!?

Porque, hoje,

eu construí

uma personalidade transexual.

como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. (BUTLER, 200, p. 153).

Construir é diferente de descobrir, porque como ação constitutiva, não há no sujeito uma interioridade a ser desvelada, tampouco uma exterioridade transcendente: tudo está no corpo, não como essência ou metafísica, mas que se organiza e desorganiza na relação com as palavras e as coisas, com os diferentes territórios habitados e habitáveis, com a temporalidade.

Dessa forma, a relação reflexiva que cada sujeito estabelece com a verdade pode incorrer em assujeitamos, como também permitir processos de subjetivação criativos e verdadeiros<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> A verdade, neste caso, se insere numa outra chave de significação, pois não é desvelada ao sujeito que a busca, mas é constituída e afirmada pelo próprio nas suas relações, nem sempre seguindo uma expectativa moral.

O que aconteceu é que eu fui passando por...

Primeiro, eu **F**ui

**gA**y.

Depois, trave**S**ti.

**E**, agora,

tran**S**exual.

*Mas, hoje, eu tenho  
a completa certeza  
de que eu não sou  
uma pessoa travesti,  
eu não sou um fetiche.*

*Entendeu?*

*Fetiche dele próprio, da pessoa própria! Eu li muito sobre isso e eu acredito que...*

\*

\*

\*

\*

\*

Em *A Coragem da verdade*, Foucault (2011) trata de uma ética da existência quando há inquietação e participação ativa – uma espécie de ativa-ação – dos sujeitos na formação das subjetividades.

Nessa relação dialética de verdades e paradoxos, a identidade reiterada – ao mesmo em que é desestabilizada – funciona num sistema de diferenciação. Ela – a identidade – adquire sentido numa cadeia de negação daquilo que “não é”, conforme explicam Silva e Hall (2000). São, portanto, criações socioculturais e subjetivas, através de atos linguísticos.

A ideia de que travesti é “pra sexo”, por exemplo, imprime à identidade um papel erótico, reduzido à prostituição. Este sentido atribuído à identidade travesti parece encontrar respaldo em uma norma social que associa o gênero ao órgão genital.

Eu li sobre uma travesti...

A pessoa gosta de travesti pra transar. É uma atração sexual dos homens! E no meu caso não é! Porque eu, transando com homem ou não, vou continuar sendo quem eu sou.

Eu costumo dizer que é questão de alma, e a minha alma, dentro de mim, não tem um homem.

Pra dentro!  
Não pra fora!  
Para dentro!

Eu olho,  
eu me vejo,  
eu me sinto!

Mesmo com o meu órgão genital, que é um pênis, eu não me sinto um homem, eu não vejo um homem. Mesmo tendo um pênis, eu me vejo uma mulher!

**Eu me sinto uma mulher!**

*E Isso não muda minha transexualidade.  
Porque quem define isso é só a pessoa que é.  
Se você quiser ser chamada de travesti, você vai ser uma travesti.  
Quem sabe se é trans ou não é a própria pessoa.*

Apesar de comumente ouvirmos que “as transexuais contestam o sexo anatômico e recorrem à cirurgia para readequar o sexo biológico ao gênero ao qual se identificam”<sup>30</sup>, atribuindo às travestis a não contestação “do seu sexo biológico”<sup>31</sup>, cada sujeito, nesta relação com a verdade, pode desestabilizar as identidades e dar a elas um outro sentido, assim como criar outras. Sentir-se transexual sem contestar o órgão genital imprime nesta identidade uma forma-outra de se relacionar com o corpo e de significar a (trans)sexualidade vivida.

Por outro lado, é restrito e violento considerar a travestilidade como identidade – que comporta o feminino e ao mesmo tempo o elemento pênis – relegada à erotização.

Tal associação encontra sentido em uma história da travestilidade – e de todas as formas de sexualidades consideradas desviantes – patologizada,

---

<sup>30</sup> Conforme Vale (2005, p. 67).

<sup>31</sup> Idem, p. 65

*Eu não me sinto uma travesti, eu me sinto uma mulher trans.  
Isso sou eu quem sente dentro de mim mesma.  
E não é porque travesti é feio e trans é mais bonito!  
E a transexual não precisa ser operada para ser transexual.  
Basta que ela apenas se reconheça por, entendeu?*

*O resto é pura ignorância!*

Mas, no começo, é meio **complicado**, porque se passa pelo fetiche das pessoas. E a partir do momento que você é uma **mulher com pênis**, não diz respeito só a você, diz respeito a toda sociedade: dos homens com relação ao fetichismo que eles têm por pessoas como nós, mulheres com pênis – ou sei lá como fica melhor!

É meio **complicado** lidar com isso.

Mas, conforme o tempo vai passando, acredito que eu sou uma pessoa que tem um grau de aceitação muito grande.

eu me aceitei	infelizmente
assim	eu não tenho
completamente	um corpo feminino
a minha condição	é
de ser uma mulher	com genitais masculinos

Eu quero estar sempre mais parecida; aproximar mais o meu corpo ao de uma mulher. E essa necessidade maior vem a partir do momento que você resolve se assumir, se caracterizar.

Envolve uma série de características, desde emocionais, psicológicas, às físicas, à forma de expressão.

produto discursivo da medicina sobre a sexualidade, entre o final do século XIX e começo do XX. Cassemiro (2010, p.52) aponta em seus estudos que a ideia de “travesti fetichista”, na perspectiva sexológica, significa “vestir roupas do sexo oposto, principalmente com o objetivo de obter excitação sexual”, diferenciando-se da identidade transexual que se ampliaria na adesão ao gênero feminino.

Os corpos afetados por esses discursos normalizadores produzem nos sujeitos uma percepção anômala de si.

Para Frayze-Pereira (1982, p. 22)

o anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal e não um fato ou uma entidade autônoma que definiríamos pela identificação de um conjunto de propriedades delimitadas e imutáveis. O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são, portanto, inseparáveis (...).

Porque até dezoito anos eu falava:

Obrigado!

Há oito anos eu falo:

Obrigada!

Você acha que não muda nada?

Muda!

*Eu deixei de ser ELE, e passei a ser ELA.*

*E a nossa realidade – aqui, pelo menos, a do brasileiro, e acho até que mundial – com relação à transexualidade, não é nascer trans, é passar por tudo isso e depois se resolver, depois se assumir trans.*

*Até as que fazem uma cirurgia...*

*Eu conheço uma que se travestiu depois de mim e hoje ela é operada, não tem mais o pênis.*

Eu até penso em fazer cirurgia!

Quem sabe daqui dois anos.

Agora, não!

Eu tenho medo, ainda!

Preciso estar muito mais preparada para isso, com relação à adicção, à forma como eu vou lidar.

E eu preciso saber se realmente eu quero; preciso de mais experiências na minha vida, né!?

Nessa perspectiva, Canguilhem (2000) considera que o normal se caracteriza como o apego a algum(ns) valor(es) e a determinadas características, como reiteração de normas; a anormalidade, uma outra infreqüência, resiste à reiteração, burla as normas e possibilita criações existenciais, novos modos de vida.

Quando Yonara nos diz de um estado (a)normal do seu corpo, ela diz sobretudo dos marcadores biológicos valorizados nos gêneros masculino e feminino que produzem distinções.

Mas, como diria Butler (2000), ao mesmo tempo em que reitera produz fissuras. E Yonara tensiona as fronteiras identitárias – o que é ser homem ou ser mulher diante de tantas variabilidades de ser homem ou ser mulher? – comportando a existência de uma mulher com pênis e imprimindo formas outras de vida possíveis.

A variabilidade está ligada às condições de existência impostas e às transformações dos seres

Eu acho que essa decisão eu só vou tomar depois de algumas experiências!

Muitas!

Eu quero viver plenamente essa pessoa que eu sou hoje, para depois decidir se eu vou fazer.

Mas também tem,  
no meu corpo,  
que **não é normal**,  
características do corpo feminino.  
*E eu não sei o porquê!*

*Agora, não venham falar que é porque eu faço tratamento hormonal!*

**Não!**

*Desde sempre eu tive. Com treze anos eu comecei a ter seios e minha mãe queria me levar pra operar, mas eu não quis.*

Entendeu?

*Até nisso eu era ofendida, porque as pessoas me mandavam colocar sutiã!*

*Se for uma opção...*

*Se as pessoas dizem que é uma opção...*

*Por que muita gente olha pra mim e fala que eu optei por ser transexual.*

Não foi!

Eu sou transexual, nasci assim, e não fui eu quem optou por isso.

para a sua adaptação ao meio. É devido às influências do meio (o fora) e ao alcance da variabilidade dos sujeitos (aquilo se dobra no dentro) que ocorrem as transformações para adaptação.

Mas porque essa história?

O sofrimento contado pela Yonara não é uma história individual. Como a própria colaboradora afirmou em determinado momento da entrevista, as questões que envolvem o gênero e suas implicações “diz respeito à toda sociedade”.

Travestis e transexuais geralmente vivem enfrentamentos sociais, culturais e institucionais que resultam em sofrimento.

A moral cristã e a ciência médica, ao longo da

Eu simplesmente coloquei pra fora alguém que tava dentro de mim pra que eu pudesse sobreviver e não tentasse me matar. Porque se essa pessoa não saísse, uma hora ou outra eu ia acabar me matando - como alguém já fez - na tentativa de suprir essa dor que é ser diferente.

Porque é muito difícil ser diferente! Muito!

E eu não falo só de transexualidade, eu falo de todas as diferenças que existem no mundo!

Se você foge da regra normativa, você está fadada a sofrer, a viver uma vida de perseguição, porque, muitas vezes, é uma perseguição!

*Hoje, com 26 anos de idade, transexual, eu tento me desfazer dos rótulos, todos eles. Porque eu não acredito numa heterossexualidade, essa é uma opinião minha, formada, entendeu?*

*Eu não acredito!*

*Eu acredito que o ser humano é bissexual e ponto final.*

*Seria muito mais fácil se assim fosse rotulado a principio, o que não foi.*

*Inicialmente são apenas rótulos, porque no fundo cada um sabe muito bem como que é!*

*Cada um sabe muito bem como que é na escola, com o priminho quando criança.*

*Isso não é privilégio de quem é gay: o troca-troca, aquela coisa toda!*

*Todo mundo sabe, né?*

história, expropriaram essas dores para demonizá-las e patologizá-las e, assim, debitar na conta individual dos sujeitos o sofrimento pela transgressão à norma.

As mulheres transexuais e as travestis são as quem mais sofrem pela opressão, afinal, não há apenas uma imposição social heteronormativa – de orientação sexual – mas também uma cultura machocentrada – de identidade de gênero –, haja vista as históricas lutas feministas pela emancipação e redução das desigualdades de gênero.

Heller (1979, p. 313-315)<sup>32</sup> considera a dor como própria da vida humana, “um aspecto inevitável”, que deriva desta capacidade de sentir. No entanto, para a autora, o sofrimento não é sinônimo de dor, mas uma espécie de derivado, de extensão, que acontece pela mediação das injustiças sociais.

“É experimentado como dor, na opinião de Heller, apenas por

---

<sup>32</sup> Apud. Sawaia, 2001, p. 102.

*Depois, os meninos crescem, tem experiências gays durante a adolescência e se tornam heterossexuais por convicção!*

*Dali a pouco vai estar com travesti, é passivo... entendeu?*

*E está lá com a mulherzinha, casado, tem dois filhos, é heterossexual, e a hora que a travesti passar na rua vai xingar de “viado”, “filha da puta”, mas vai estar lá de noite com a bundinha virada!*

***Ai! Deu raiva que até que-  
-brou a tampa da caneta!***

Mas é essa a verdade!

Eu não acredito!

O que eu acho...

Por que...

Assim...

A mais nova que eu vi essa semana – na verdade faz uma semana, já! – é dos caras que não são gays – eu não lembro o nome – mas gostam de transar com outros homens.

Mas eles “não” são gays.

Entendeu?

quem vive a situação de exclusão ou por ‘seres humanos genéricos’<sup>33</sup> e pelos santos, quando todos deveriam estar sentindo-o, para que todos se implicassem com a causa da humanidade.” (SAWAIA, 2001, p. 102)

Este sofrimento ético-político, assim nomeado por Sawaia (2001), não reside no sujeito e dele emana, mas, acontece nas relações vividas, de sua constituição enquanto sujeito moral e político, e de sua necessidade de saber e poder, como diria Foucault.

O cuidado de si perpassa pelo governo dos outros, o que implica as relações e seus jogos de saber e poder, os conflitos e as tensões, um processo não isolado do social.

Sendo a relação uma prática de conflitos, constituir-se sujeito é ser capaz de governar-se a si mesmo e também ser governado pelos outros: a

---

<sup>33</sup> Segundo Heller, ser humano genérico é o que não se deixa enredar pelo corporativismo de qualquer ordem e se aproxima da humanidade, sentindo como bem maior o ser humano. (SAWAIA, 2001, p.102)

São heterossexuais e gostam de macho.

Era mais ou menos essa a descrição da festa, que é uma festa que rola.

E tem outros – eu esqueci esse nome também, é em inglês – que sentem atração por outros meninos quando fumam maconha.

É uma nova categoria!

Entendeu?

Então, tá bem louco, ein!?

Mas tudo é culpa da sociedade, porque ela não vai aceitar.

*Então, tipo, eu não sou gay, mas eu dou meu cú, mas eu sou macho, só gosto de macho, tenho certeza, pronto e acabou!*

Pra mim é melhor ainda, né!?

Porque os mais bofes gostam das mais femininas, das mais bichinhas.

*Aloka!*

E esse tipo “fumei maconha e quis foder o cú do menino”, eu acho que é porque daí fica mais relaxado e tem coragem de sentir.

Entendeu?

construção de subjetividades se dá tanto por assujeitamentos quanto por resistências que produzem o criativo.

É interessante quando Yonara apresenta, ao utilizar da ironia para desestabilizar novas identidades que se criam, sua forma de lidar não apenas com sua sexualidade, mas também com a sexualidade do(s) outro(s).

Apesar da evidente recusa em aceitar a afirmação da identidade heterossexual em “novas” modalidades de homens que transam com outros homens, ela joga com essa suposta verdade a fim de considerar os ganhos que ela – mulher transexual, feminina – tem. Em outras palavras, são táticas, técnicas de si que produzem o *êthos* de governar a si mesmo e aos outros.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Conforme Foucault (2012b, p. 264), o *êthos* – traduzido pela maneira de conduzir-se – que requer o cuidado de si mesmo também passa pelo cuidado dos outros. Ou seja, pressupõe uma certa distribuição e administração do poder que não leve o(s) sujeito(s) à dominação nem à submissão. É nisso que reside a arte de governar.

Porque o desejo...

Pra mim, o sexo não tem muito rótulo.

### Sexo!

Porque isso tudo é pra se falar de sexo, de mais nada.

Saber se a pessoa sai com homem ou com mulher, se eu sou passiva ou ativa. Todas essas categorias são pra isso, pra mais nada. Pra saber se você dá ou se você come, se você gosta de pelo ou de pele lisinha, de teta ou peito cabeludo.

É só pra isso que serve, pra mais nada.

E de noite, no escuro, na internet, a gente sabe muito bem como é que é!

### Entendeu?

Então, eu acredito que essas novas categorias aí representam algum medo da sociedade, ou, talvez, **a forma que estão encontrando de se dizer!**

Não tem nada a ver, a gente pode transar tanto com o homem como com mulher que vai dar na mesma.

### Sexo é sexo!

Sempre foi e vai ser sempre.

Tinha travesti lá no antigo Egito. Tipo, na bíblia, já devia ter...

Na bíblia não fala, porque inventaram aquela história toda, que foi muito mal contada, também, né!?

Nesse sentido, ela produz criativamente a liberdade possível de viver com os discursos que a afetam.

Como a própria colaboradora aponta em determinado momento da entrevista, a forma “mais eficaz de viver” não está numa liberação absoluta de todas as vontades, de todos os rótulos, no fim de todas as dominações, ou numa perspectiva individualista.

A liberdade – como *êthos* – acontece nos ensaios, nas experiências tentadas pelos sujeitos que, tomando a si mesmos como prova, inventarão seus próprios destinos. Assim, experiências de liberdade estão sempre sujeitas a revezes, nunca como algo definitivo ou como numa vitória final.

É também a partir das experiências que se produzem os saberes, conforme aponta Yonara em sua narrativa.

Mas, pra mim, isso daí é a tentativa desesperada de algumas pessoas falarem:

\_\_\_ *Meu, o que eu vou fazer?*

Não necessariamente, se você é gay, você não pode sair com uma mulher.  
 Não necessariamente, se você gosta de mulher, você não pode sair com um cara.  
 Não tem nada a ver!

***Na hora do vamos ver, meu bem, apaga a luz e buraco é buraco.***<sup>32</sup>

### Entendeu?

Sabe como eu sei de tudo isso?

A partir das minhas experiências.

Saindo com homem que me xingou a vida inteira; saindo com cara da escola que me xingava de “viado”, mas que na hora que eu era a travesti que estava lá tomando uma cerveja no bar, me chamou de gostosa, quis transar comigo; saindo com meu vizinho que é casado, que me viu crescer, que sabe muito bem quem eu sou e da onde eu vim!

Eu sempre fui a mais gostosa!  
 No bar eu era a mais linda, todo mundo queria sair comigo! Todo mundo!  
 Sempre fui a mais bonita.  
 Na concepção deles, né!?  
 Não é a minha, é o que eu ouvia.

Foucault (2012a, p. 219-220), nos diz que “um saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva” e seus elementos

são a base a partir da qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem descrições mais ou menos exatas, se efetuam verificações, se desdobram teorias, formam o antecedente do que se revelará e funcionará como um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um erro denunciado, uma aquisição definitiva ou um obstáculo superado. (FOUCAULT, 2012a, p. 219-220)

No caso da Yonara, saber que as limitações postas pelas normas que determinam o gênero e a orientação sexual são falsas perpassa pela sua própria experiência enquanto sujeito que resiste e que encontra também no outro rupturas quando das reiteraões identitárias; sair, transar, ser ativa,

<sup>32</sup> Como diria Preciado (2008, p. 60), “o ânus, como centro de produção de prazer (...), não tem gênero, não é masculino e nem feminino, produz um curto circuito na divisão sexual, é um centro de passividade primordial, lugar abjeto por excelência próximo dos detritos e da merda, buraco negro universal pelo qual se misturam os gêneros, os sexos, as identidades, o capital”.

***Então, eu desconstruía essa sexualidade dentro da minha cabeça e construía a liberdade de ser quem eu sou!***

**Entendeu?**

É tão difícil para uma pessoa que está começando a se descobrir.

**Sabe!?**

Conversei com um menino de dezenove anos essa semana e ele está perdido. Dezenove anos!

\_\_\_ Ai, eu não sei se eu sou homo, se eu sou hetero, se eu gosto de menina, se eu gosto de menino, se eu sou bi.

Eu falei:

\_\_\_ Seja você, querido! Não seja aquela pessoa que as outras pessoas querem que você seja. Seja o que você quiser! Vai ser feliz, seja feliz que já basta!

O menino até chorou, me abraçou e tudo mais.

**Entendeu?**

*Porque, enquanto ficar preso dentro disso não vai ser feliz, ninguém vai.*

*O mundo está cada vez mais podre, sim! Cada vez mais libertário, mas com uma ideia de fúria também. Isso não quer dizer que é sexo livre.*

**Entendeu?**

sentir-se desejada por homens cisgêneros – que em outro contexto exerceram um papel heteronormativo e machista – tornam-se aquisições que funcionarão na produção desse sentido expresso pela colaboradora.

Além disso, essa experiência contada pela Yonara aponta para um outro paradoxo: a diferença pode resultar em dor e sofrimento – a entrevistada afirma esta experiência em diversos momentos – mas, a depender da situação, ela – a diferença – também pode ser vivida como prazer e se tornar poder quando a experiência é objetivada, transformada em conhecimento e utilizada como tática para lidar consigo e com os outros.

Portanto, ao falar de si, Yonara também fala dos outros e do mundo; e da forma como ela se constitui neste mundo. Em suas palavras:

O mundo está cada vez mais podre, sim! Cada vez mais libertário, mas com uma ideia de fúria também. Isso não quer dizer que é sexo livre (...), é o desejo e o direito de cada pessoa ser feliz, pronto e acabou! (OLIVEIRA, 2016)

*Essa ideia minha não constitui sexo livre, não constitui infidelidade, não constitui nada disso.*

*É o desejo e o direito de cada pessoa ser feliz, pronto e acabou!*

*Mais nada!*

*Eu acho que é a forma mais eficaz de se viver a vida.*

*Claro que às vezes tem um preço: o preconceito!*

*Porque é fora do padrão.*

*Do padrão da luz do dia, do supermercado, da rodinha de amigos, do beijo na boca e da mão dada. Só!*

*Porque, do resto, se você está dentro da sua casa, você pode ser quem você quiser!*

*Agora, sai na rua de calcinha!?*

*Você pode por uma calcinha no seu quarto, mas se você gosta de vestir calcinha, você vai ter vontade de sair de calcinha na rua.*

*Só que daí todo mundo vai ver!*

### Entendeu?

*Muitas vezes, você não consegue andar na rua sem alguém te xingar.*

*Hoje, na hora em que eu estava vindo aqui, eu sentei do lado de uma mulher no ônibus e percebi o tanto que ela estava rezando. Ela meio que rezava, depois olhava pra mim, depois ela murmurava.*

*Algumas pessoas gritam na rua:*

*\_\_\_\_ Volta para o inferno, capeta!*

*Alguns oferecem dinheiro, porque somos associadas à prostituição em praticamente cem por cento da mente humana. Muitos acreditam que quem é*

Apesar desta pesquisa ter a transexualidade como questão fundante, levando ao acontecimento desta entrevista, Yonara buscou tensionar o risco de afixação e redução da sua existência à identidade sexual e questionou os discursos que desumanizam as pessoas trans: como se a sexualização, a violência, o mal humor fossem características inerentes à transexualidade e à travestilidade, quando elas dizem da própria condição humana; ou seja, não se está mal humorada, nervosa, porque é travesti ou transexual, mas porque é humana.

Se, por um lado, a colaboradora performatiza a identidade que imprime o gênero e, por outro, ela mostra que não é só sexualidade, essa ambiguidade promovida pela tensão transexualidade-personalidade é uma forma de dizer sua humanidade, sua múltipla e complexa existência, de escapar do reducionismo que uma identidade possa sugerir.

*travesti ou quem é transexual é puta; que não tem trabalho; que não tem dinheiro; que não tem escolaridade; que vive à margem; que vai te assaltar ou vai fazer um escândalo se você falar um bom dia.*

### **Isso não é verdade!**

Outra situação: do mesmo jeito que algumas pessoas heterossexuais, não trans, cisgêneros, são completamente de mal com a vida, por que uma pessoa que sofre por ser trans, travesti, ela não pode ser uma pessoa mal humorada, uma pessoa de mal com a vida?

Em todas as classes existem pessoas infelizes e acredito que dentre nós transexuais algumas também não sejam felizes. Como a gente é visada e sofre-se muito preconceito, a gente meio que aprendeu a se defender no berro.

Mas, porque essa história?

Comigo nunca aconteceu de partir pra briga.  
Tipo, eu já apanhei de pessoas na rua!

E minha mãe falava assim:

\_\_\_ Você não é homem também? Porque você não bateu?

Eu não sei dar um soco, eu sei puxar cabelo. Eu vou brigar como mulher.

Eu nunca aprendi a ser agressiva, a me defender no soco ou chute, isso não faz parte de mim, tanto é que eu nunca nem briguei com ninguém; tanto é que sempre que teve alguma coisa assim, quem apanhou fui eu. Até hoje, se eu passar por situações onde eu sou pressionada com relação à agressividade, eu não sei reagir.

*Eu me sinto no extremo, eu fico muito nervosa, eu fico com medo, porque eu não sei reagir.*

*Personalidade*

*Transexualidade*

*O que tem a ver com minha sexualidade?*

*O “idade”*

*Sufixo que transforma o adjetivo*

*Em substantivo abstrato*

Muitas vezes eu gostaria de bater, dar soco, de dar chute, pontapé, e essa não é a minha realidade, tanto é que se eu fizer isso eu vou ser exatamente o que as pessoas querem que eu seja, e eu vou ser algo que eu não sou. Não faz parte do meu mundo, do meu universo este tipo de ação, de reação.

***E não é com relação ao ser transexual, mas com relação à minha personalidade. A minha personalidade não tem nada a ver com a minha transexualidade; ser transexual não tem nada a ver com ser uma pessoa medrosa, uma pessoa inadequada.***

*Eu não consigo me adequar aos padrões que existem e, a partir do momento que você não se adequa, você é inadequado, não é?*

Eu não me adequo aos padrões e eu não admito olhares, eu não admito ser tratada com diferença por ninguém.

Eu quero ser tratada de igual pra igual. É um direito meu!

É uma coisa que eu não tinha comigo e que hoje eu sei, hoje faz parte da minha personalidade: **buscar ser vista, buscar fazer valer minha voz!**

Sabe?

Sobre a minha personalidade, eu acho que eu sou uma pessoa estressada e acredito que isso se deva ao fato das relações.

E não falo de agora,  
Yonara trans.

Neste sentido, a intencionalidade de Yonara dialoga com os objetivos da História Oral de Vida enquanto metodologia de pesquisa: abrir um outro espaço visível à voz de quem testemunha, com o compromisso de permitir

que as diferentes temporalidades e concepções de mundo se digam do modo que achar melhor, sem que se tenha alguém dizendo o que é ou não importante a ser dito. (HOLANDA, 2009, p. 26)

Dessa forma, o testemunho é investido em sua potência política. Como compromisso social, a pesquisa se torna um instrumento que tem como fundamento

denunciar, documentar, reconhecer a cidadania de grupos oprimidos (...) e, sobretudo, instrumentar a luta por direitos humanos na democracia.” (MEIHY, 2005, p. 283)

Eu falo que a Yonara é uma pessoa estressada, é uma pessoa sem paciência, é uma pessoa que tem dificuldade de relacionamento, de me relacionar com as pessoas em geral, seja no relacionamento familiar ou num relacionamento interpessoal de qualquer sexo!

Eu sou uma pessoa melancólica.

Às vezes eu acho que sou até uma pessoa triste, sabe?

Eu acredito que isso se deve ao fato das relações que eu tive na minha vida, de como foram constituídas.

*A minha personalidade sim foi construída a partir das minhas experiências de vida.*

*Eu sou uma pessoa que se defende todo o tempo, eu vivo na autodefesa. Mas, também, eu cresci sendo enxovalhada, eu cresci sendo aprisionada, eu cresci sendo ridicularizada, sendo questionada, e eu preciso me defender.*

*Então, eu sou uma pessoa que está sempre se defendendo, eu sou uma pessoa que tem muita dificuldade para começar uma amizade, porque eu estou sempre com medo de ser machucada, de ser ferida, de ser trocada, de ser abandonada.*

*Muitos amigos meus, que eram meus amigos, que estavam ali junto comigo, hoje já não estão mais, hoje eu não sou mais a pessoa que eles conheceram. Tá bom que nenhuma relação é para o resto da vida, mas isso eu nunca achei que fosse perder, sabe?*

*E eu sei que se afastaram de mim por causa da transexualidade, por eu ter assumido a minha sexualidade. Porque, de certa forma, é assumir-se de qualquer jeito!*

*Respiro!*

Retornando à questão da desumanização das travestis e transexuais, Butler (2003, p. 162) liga-a “à marca de gênero” posta no e a partir do corpo, que

parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina?” é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. Se o gênero está sempre presente, delimitando previamente o que se qualifica como humano, como podemos falar de um ser humano que se torna de seu gênero, como se o gênero fosse um pós-escrito ou uma consideração cultural posterior?

*Respiro!*

Ninguém é trans com seis anos de idade!  
 É a partir do momento que sua mãe lhe permite ser.  
 Porque, eu não tive essa mãe!

Às vezes eu vejo na T.V. aquela trans, aquele menino transexual dos Estados Unidos. Com seis anos de idade ele se via uma menina.

Mas, quando eu falei que eu era uma menina, eu fui repreendida e não tive apoio nenhum. Nem pela minha mãe e nem pelo meu pai que nem fala mais comigo.

Talvez, se eu com quatro anos de idade...

Foram os primeiros indícios,  
 três,  
 quatros anos  
 de idade,

foram os primeiros indícios  
 de que eu era feminina,  
 de que eu me sentia como uma menina.

Não  
 digo  
 se tivesse sido incentivada,  
 mas se eu tivesse sido...

E Yonara apresenta uma concepção semelhante ao exposto por Butler: a escolha do gênero que qualificaria seu corpo atribuído no seu nascimento correspondeu a uma convencionalidade de adequação biológica à expectativa social.

Posteriormente, numa tentativa de escolha apropriada ao que desejava para si e seu corpo, Yonara foi repreendida, negada à experiência a partir de um gênero considerado feminino.

É o que se lembra Yonara...

E a memória, como uma torção do passado que acontece no presente produzindo o sentido, sinaliza esse estranhamento.

Não significa dizer que ela aos seis anos de idade se identificava como mulher, até porque a linguagem que ela utiliza é a do presente, mas que os outros – a família, seu pai e sua mãe – inibiam sua experiência de expressão, regulando as características consideradas aceitáveis ao seu corpo.



E o desejo...



O sentir...

A sensação...

Meu pai

*foi*

muito ausente na minha vida,

sempre

*foi*

desde a minha infância.

Eu tenho duas irmãs - uma mais nova e outra mais velha - e eu sou a do meio. Com a irmã mais velha eu cresci com ela. Depois veio a outra irmã, então crescemos em uma casa só de meninas!

*Só*

Meninas!

### **Porque era como eu me SENTIA!**

Eu tinha o desejo de colocar roupa de menina, de me vestir como as minhas irmãs. Às vezes, de querer estar no lugar das minhas irmãs. Só que a grande diferença que eu vejo é que eu não fui livre para fazer a minha escolha. Provavelmente, com quinze eu estaria fazendo uma hormonização, não teria passado pela puberdade e hoje seria bem melhor. Eu não teria desenvolvido tantas características masculinas no meu corpo como pelos, por exemplo, que não chega a desenvolver quando você faz a hormonização.

A sensação é contemplação pura, pois é pela contemplação que se contrai, contemplando-se a si mesma à medida que contempla os elementos de que procede. Contemplar é criar, mistério da criação passiva, sensação. A sensação preenche o plano de composição, e preenche a si mesmo preenchendo-se com aquilo que ela contempla. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 272)

Hoje, nós estamos em 2016.

Aquilo lá era 1990, 1991, e eu tinha três anos de idade.

Parece que foram só alguns anos, mas são praticamente vinte anos!

São vinte anos...

Vinte e três anos!

E nesses vinte e três anos muita coisa mudou.

Hoje, é um pouco mais fácil algumas mães aceitarem, apesar de que nenhuma aceita.

A princípio, não!

A maioria das trans e travestis são colocadas na rua, não falam com a mãe, não falam com o pai, a maioria ficou na rua.

Eu já fiquei na rua, mas na época da minha adicção ativa.

Algumas vezes, por opção, hora obrigada.

Era muito melhor ficar na rua do que ficar dentro da minha casa, principalmente para usar drogas.

Eu não queria mais ficar lá dentro, por que era tudo muito reprimido, tudo te reprimem, tudo não pode!

\_\_\_ *Olha essa roupa!*

\_\_\_ **Eu sou assim!**

\_\_\_ *Não fala isso!*

\_\_\_ **É isso que eu quero!**

\_\_\_ *Você vai passar maquiagem para ir ao churrasco da família?*

\_\_\_ **É assim que eu sou!**

De acordo com Facchini (2011), o movimento LGBT brasileiro foi influenciado, desde a sua constituição, por eventos acontecidos no passado e fatos que se deram fora do país, fundamentais para pensarmos sua história e seu desenvolvimento. Ele nasce no final da década de 1970, principalmente por homens homossexuais, seguidos pelas lésbicas e, somente nos anos 1990, “travestis e depois transexuais passam a participar de modo mais orgânico”. Nos anos 2000, as e os bissexuais passam a ter mais visibilidade no movimento.

Dessa forma, a questão trans começa a ganhar visibilidade no início da década de 1990, a partir do movimento social – a colaboradora nasceu no final da década de 1980 –, período de significativa ampliação de pesquisas acadêmicas sobre sexualidade. Mas são nos anos 2000 que grupos ativistas se formam no interior das universidades e alguns parlamentares se organizam em uma frente de defesa aos direitos LGBTs. (FACCHINI, 2011)

**ASSIM!**

**ASSIM!**

E fica tudo muito mais difícil, porque deixa de ser uma exigência e passa a ser uma afronta! Porque “você” já falou o que você quer!

**O que é isso?**

**Não me exija!**

**Não exija mais!**

**CHEGA!**

A partir do momento que eu decidi, se você for contra mim, você está me afrontando!

**Entendeu?**

*Então, certa época, fazer parte da minha família era ser vinte e quatro horas afrontada; era vinte quatro horas tentando fazer alguma coisa para agradar alguém, como foi durante dezoito anos da minha vida. Eu passei dezoito da minha vida tentando ser alguém para minha mãe e para meu pai, tentando mostrar meu valor, tentando mostrar quem eu era: que eu podia estudar, que eu era inteligente, que eu tinha um bom emprego – porque eu fui trabalhar com catorze anos de idade!*

De lá pra cá, a própria sigla que visa representar o movimento se alterou: de GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) para GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e, finalmente, LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais e Transgêneros).



Figura 1. Cartunista Laerte. Blog da Muriel, 2012.<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2012/10/1161261-blog-da-muriel-laerte.shtml>>. Acesso em 20/12/2017.

*Eu trabalhei na zona azul, na rua, e eu era xingada. Trabalhando, sabe?  
As pessoas me agrediam muito!  
Tinha um cara aqui na rua quinze de novembro que ele vinha e tacava papel em mim.*

*Alguns xingam, riem, tentam ofender:*

*\_\_\_ Ô viado!*

*Isso porque eu estava ganhando o meu dinheiro, trabalhando honestamente, tentando ser alguém, ser diferente, mostrar para minha mãe que eu era capaz.*

*Mal sabe a minha mãe!*

*Não sabe nem a metade do que eu já ouvi na vida, do que eu já passei, dos abusos que eu sofri.*

*Não sabe! Nunca contei.*

*Nunca!*

*Nunca pedi para ela ir à escola me defender, sempre sofri sozinha, calada, tinha vergonha, tinha medo, porque eu já era tão repreendida!*

*Não tinha coragem de falar que eu tinha essa necessidade de gritar, de falar:*

***Meu lugar é aqui,  
eu vim para isso!  
Então, não passa por cima de mim!***

Recentemente, temos acompanhado a expansão da visibilidade e discussão sobre as questões de LGBTs, principalmente influenciados pela mídia: personagens gays, lésbicas, travestis e transexuais nas novelas; outros programas televisivos de grande capilaridade abordando a temática; e na emergência de artistas, principalmente ligados à música, como é o caso da cantora Pabllo Vittar, tornando-se um dos assuntos mais comentados principalmente nas redes sociais virtuais.

Certamente, é necessário discutir sobre os sentidos perseguidos por muitas dessas produções, algumas permeadas pelo conservadorismo, a reiteração de estereótipos e a apologia à violência. No entanto, até mesmo isso pode ser considerado como reação às ascendentes conquistas sociais LGBT's.

Tudo isso, de certa maneira, está relacionado com a percepção de Yonara sobre o modo como a sociedade reagiu e tem reagido ao tema da transexualidade.

Parece que eu não tenho medo!  
Eu aprendi que a maioria se joga assim!

*Por isso essa fama, não é?*

*Porque a gente já foi tão pisada, tão humilhada...*

*E a humilhação é horrível, mesmo!*

*É o pior sentimento do mundo você se sentir humilhada, sabe?*

*É dolorido!*

*E a humilhação você não tem facilidade para aceitar.*

*E hoje é que eu me dei o direito de falar, de mostrar quem eu sou e também de fazer diferente, porque eu não sou uma prostituta, eu não me drogo mais, eu tenho uma profissão!*

*Eu busco um lugar na sociedade, um lugar de respeito!*

Entendeu?

Na fase onde você  
ainda não teve  
coragem de assumir  
a sua sexualidade,  
transexualidade,

enfim...

Retornando à ideia de atos performativos desenvolvida por Butler (2003), na medida em que as reiteraões normativas produzem brechas capazes de inaugurar formas outras de vida, Andrade (2012), que realizou uma pesquisa a fim de identificar resistências e assujeitamentos de jovens travestis nas escolas, evidencia o uso que elas fazem de táticas para burlar a disciplina e o controle, e produzir linhas de fuga para o acesso e a permanência neste espaço institucional.

Estendendo a institucionalidade para além da escola, como a família, os serviços de saúde, e até mesmo a rua e seus diferentes cenários, a correlação entre os estudos de Andrade (2012) com a ideia de atos performativos defendida por Butler (2003) e a narrativa da Yonara nos ajudam a dar um sentido ao movimento de reiteração e trans-formação<sup>35</sup>, principalmente em relação ao gênero.

---

<sup>35</sup> Conforme Andrade (2012).

Porque uma coisa meio que caminha junto com a outra.  
 Apesar de eu saber que isso não tem nada a ver, hoje...  
 Porque uma mulher trans pode ser tanto heterossexual, como bissexual,  
 como gay.

\*                    \*  
 \*                    \*                    \*  
 \*                    \*                    \*

A questão é que eu não sinto desejo, atração por mulher. Eu nunca senti.  
 Então, eu sempre defendi a tese de que eu sou heterossexual.  
 E isso desde sempre, não é de agora essa concepção. Sempre foi minha!

Porque hoje está na moda a transexualidade, não é?

*Hoje o pessoal discute, o pessoal fala, joga na rede social e tudo!*  
*Discute-se muito sobre a transexualidade, ser hetero, ser trans hetero, ou*  
*trans gay ou trans bi, ou trans o caralho a quatro!*

*Enfim...*  
*Mas o xingamento é sempre:*

*Bicha*

*Gay*

*Viado*

No esteio da tradição do conhecimento, aquela que Foucault (2006) nomeou de *ganot saiton*, “uma valorização da imagem, do nome e do sobrenome”<sup>36</sup> vai se consolidar enquanto elementos essenciais para a criação do gênero masculino e feminino e sua tentativa de fixação, através das reiteraões, à estrutura física dos corpos. Ainda que na perspectiva sociológica haja referência à cultura como determinante na assimilação e adesão identitária pelos sujeitos, as imagens cristalizadas do binarismo (masculino/feminino) se impõem como naturais.

Há uma plastificação da identidade; as pessoas nascem, crescem e morrem, pelo menos teoricamente, com a mesma identidade sexual. No primeiro caso, que se refere ao sujeito cartesiano, as identidades são, a um só tempo, inatas e individuais; o ser humano nasce masculino ou feminino, de acordo com o sexo biológico, com predisposição a ser de uma

---

<sup>36</sup> Conforme Andrade (2012).

*Sempre tem sido muito cruel!*

*Por exemplo, os outros meninos na escola te agarravam como se você fosse uma menina, mas é para te humilhar!*

*Eu não podia abaixar na escola, eu não podia amarrar o tênis.*

*Eu tinha que ficar sentada.*

*Se eu levantasse a bunda para cima tinha um engraçadinho ali atrás. Então, imagina isso para uma criança de dez anos, sabe-se lá como ela se sente.*

*É péssimo!*

*É vexatório!*

*É vergonhoso!*

*É constrangedor!*

*É horrível essa*

***SeNSaçaõ!***

*E isso sempre te acompanha, em qualquer lugar, não só na escola! Na rua, as pessoas não te conhecem, elas te veem e elas vão te xingar!*

***Entendeu?***

forma e não de outra. No segundo caso, que se refere ao sujeito sociológico, as identidades são construídas no decorrer da vida; a sexualidade e todas as noções de gênero são aprendidas através da cultura, que valoriza o sexo biológico, de onde surgem as representações do que é ser homem e do que é ser mulher. (ANDRADE, 2012, p.88-89)

Por outro lado, no caminho de se compreender e praticar a identidade enquanto elemento *trans-formativo*, como devir, baseado na filosofia da espiritualidade defendida por Foucault (2006), os gêneros já não se encontram em bases endógenas, mas num fluído ato performativo, que mesmo quando busca reiterar resiste, produz brechas, rompe.

Ao passo que vemos a identidade se transformar em um caleidoscópio ambulante, em uma metamorfose constante, percebemos que o canto dos pássaros ainda não

*Você é motivo de chacota a partir do momento que você sai da sua casa até a hora que você volta.*

*Pra não viver isso, eu teria que ficar trancada dentro da minha casa!*

*E eu não nasci para ficar trancada!*

*Pelo contrário, eu nasci para ganhar meu espaço na sociedade!*

*Acredito que eu, tanto quanto qualquer outra pessoa, tenho o direito de ter o meu espaço garantido!*

*E isso acontece em todo lugar, na igreja, dentro da religião, por exemplo.*

*Inclusive, uma vez...*

*Eu acho que eu tinha por volta de onze anos, talvez até menos, uns dez, e eu já frequentava a igreja católica, catequese, coral, essas coisas todas que a gente faz quando a mãe quer, que a mãe pede.*

*E eu me submeti muito à vontade da minha mãe com a tentativa de me reparar ou de me desculpar, porque a impressão que você tem é que você não vai atingir o ápice do amor da sua mãe. Porque sempre vai ser aquilo ali que foge às regras, aos padrões, o motivo de sofrimento! Porque a mãe sofre junto, a mãe passa poucas e boas conosco.*

*E umas das pessoas responsáveis pela igreja, uma das freiras... eu lembro o nome dela até hoje; eu tenho tanto ódio dela.*

assume a liberdade que merece, as fronteiras já não são as mesmas, as gaiolas, os viveiros e os zoológicos já possuem buracos, as portas estão quebradas, os pássaros podem improvisar o canto, mas as baladeiras estão lá, esticadas, inibindo o direito de voar. No entanto, apesar das brincadeiras, das ameaças, dos retrocessos, dos fundamentalismos, as mulheres brincam com as várias possibilidades de serem mulheres (incluindo o direito a ser lésbica), os homens brincam com as várias possibilidades de serem homens (incluindo o direito a ser gay), as transexuais brincam com as várias possibilidades de serem trans (incluindo o direito de ser heterossexual ou lésbica), as travestis brincam com as várias possibilidades de serem travestis (incluindo o direito de ser tudo em termos de sexualidade). (ANDRADE, 2012, p.89)

### ***Irmã Lúcia***

Eu era uma criança de onze anos e fui questionada sobre a minha sexualidade por uma freira.

\_\_\_ Você é homossexual?

Algo que eu nem imaginava como era, o que era...

\_\_\_ Por que menino? Você pode me responder?

\*  
\*  
\*  
\*

\_\_\_ Olha só, caso você seja, é bom que você mantenha o celibato!

Foi uma afronta para mim, naquele momento, o fato dela falar do celibato. Sexo estava muito distante de mim, naquela época!

Muito distante.

Mesmo com a despatologização e descriminalização progressiva da homossexualidade e a intensificação da luta contra a patologização das identidades trans, temos acompanhado a reatividade do conservadorismo latente em nossa sociedade, quanto às conquistas de direitos e o pequeno – mas importante! – avanço do progressismo nas últimas décadas.

Neste cenário, também é possível perceber que o padrão heterossexual reapresenta-se através da cultura heteronormativa e binárias de gênero: os laços afetivos e eróticos entre pessoas do mesmo sexo são cada vez mais tolerados social e juridicamente, desde que, todos, heterossexuais e homossexuais, cisgêneros ou transgêneros, possuam um modo de vida heterossexualizado e adequado à sociedade de consumo. O acesso das minorias sexuais aos direitos civis possui como contrapartida a aderência de suas economias afetivas e eróticas ao modo de vida heterossexual: hierarquização das posições sexuais e binarismo de gênero (bicha x bofe; ativos x passivos; masculino x feminino), amor romântico, matrimônio,

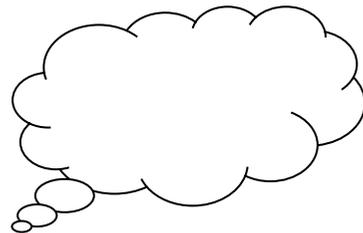
Eu só descobri a sexualidade depois que eu tive programa sexual com homem, aos dezessete anos. Dezoito quase. Se eu já não tivesse dezoito. Não lembro mais!

É que já foram tantos, agora.

Aloka! rs

Tantos  
anos  
e tantos  
homens...

Porque, também, a gente só é procurada para sexo, e a gente acaba fazendo.



Eu passei por um período onde o **GRITO**, a tentativa de dizer

**“PELO AMOR DE DEUS, EU ESTOU AQUI!”**

foi usando droga.

família, contratos, mercados LGBT's e etc. Como norma, o gênero é uma forma de poder social, um dispositivo pelo qual a binaridade do gênero - masculino e feminino - é instituída e naturalizada.

Diante das experiências de sofrimento ético-político vividas, Yonara apresentou diferentes formas de lidar e expressar os afetos no curso de sua história, nem sempre passíveis de objetivação, como na ausência da fala e a presença do grito (contido) no corpo.

Um grito que estava lá e, de alguma forma, saía sem palavras.

O uso intenso de drogas foi uma outra forma encontrada para expressão e ao mesmo tempo suspensão do sofrimento. Como disse a própria colaboradora, as drogas funcionavam como um “anestésico”.

Encontrar-se de outra forma, portanto, seria sentir de outra maneira.

**Eu usei**

*Maconha, cocaína, álcool, crack  
até minar todas  
as minhas possibilidades  
de continuar vivendo  
na droga  
e quase morrer.*

*Uma vez eu cheguei em casa completamente alucinada e pensei que, pra não morrer e sair da droga, eu precisava me encontrar de outra forma.*

*Porque, da hora que eu levantava até a hora que eu ia dormir - seja lá a hora que fosse - eu usava.*

*Foram uns dois ou três anos assim.*

*Eu acordava e a primeira coisa que eu ia fazer era fumar maconha.*

*A primeira coisa, antes de escovar os dentes, era fumar maconha!*

*Ou seja, eu já ficava drogada. Então, eu não sentia nada!*

*Eu vivia anestesiada pela droga vinte e quatro horas do meu dia!*

*Depois, logo depois, era a cocaína que vinha, às vezes durante o dia, às vezes só à noite. Mas, nisso, eu fumava nove baseados no dia, da hora que eu levantava até a hora que eu fosse sair para ir ao bar. Se eu fosse uma hora da tarde, eu voltava no outro dia às duas horas da tarde. No outro dia!*

*Então, eu não tinha um momento de sobriedade, de lucidez; era o tempo todo drogada, seja fumando maconha, que é uma droga leve – e eu sempre pendi por essa droga leve -, ou outras mais fortes.*

*Muita gente usa e se dá bem com a maconha, mas eu não tenho controle nenhum sobre ela. Eu não vou fumar um baseado, vou fumar dez! Como falei, é muito ruim a compulsão, e tudo isso fez parte do meu grito de misericórdia, de socorro, do meu apelo:*

*Pelo amor de Deus, alguém me ajuda!*

Perdi-me do nome  
Hoje podes chamar-me de tua  
Dancei em palácios  
Hoje danço na rua

Vesti-me de sonhos  
Hoje visto as bermas da estrada  
De que serve voltar  
Quando se volta para o nada

Eu não sei se um Anjo me chama  
Eu não sei dos mil homens na cama  
E o céu não pode esperar

Eu não sei se a noite me leva  
Eu não ouço o meu grito na treva  
O fim quer me buscar

Sambei na avenida  
No escuro fui porta-estandarte  
Apagaram-se as luzes  
É o futuro que parte

Escrevi o desejo  
Corações que já esqueci  
Com sedas matei  
E com ferros morri

Eu não sei se um Anjo me chama  
Eu não sei dos mil homens na cama  
E o céu não pode esperar

*E em todas as áreas da minha vida alguém me ajuda, porque é muito difícil você crescer sendo uma pessoa trans; é muito difícil lidar com a sociedade, com a família, com a escola, com tudo. Sair na rua para comprar pão acaba sendo um martírio hoje em dia.*

Eu não sou respeitada!

Eu sou respeitada por poucas pessoas que me conhecem, que sabem como eu sou.

*A maior forma desse desrespeito, por exemplo, aconteceu comigo nessa semana.*

*Uma das maiores formas de ser respeitada, mesmo que sutilmente.*

*Eu fui comprar um pó de maquiagem, um pó de rosto, e uma moça nova, jovem, me atendeu.*

*Eu perguntei pra ela se tinha pó para minha numeração, meu tom de pele, e ela sentada ali chamou a dona da loja.*

*Eu,  
Yonara,  
cabelo solto,  
maquiada,  
com meu short's,  
meu sutiã!*

Ela virou para a moça e falou assim:

\_\_\_\_ Ele quer o pó número quatro!

**Entendeu?**

Eu não sei se a noite me leva  
Eu não ouço o meu grito na treva  
E o fim quer me buscar

Trouxe pouco  
Levo menos  
A distância até ao fundo é tão pequena  
No fundo, é tão pequena  
A queda

E o amor é tão longe

Balada de Gisberta,  
interpretada por Maria Bethânia.  
(ABRUNHOSA, 2010)

*Isso é um desrespeito com quem eu sou.*

*É horrível, chega a ser nojento, chega a me dar nojo.*

*Uma pessoa que consegue ser tão baixa, que para mim não passa de uma pessoa que é uma coitada!*

*Que não admite que eu seja mais bonita do que ela como transexual.*

*Provavelmente, ela tenha sentido inveja de quem em sou.*

Aí eu falei para ela:

\_\_\_ Ele quem?

*Na calma,  
porque eu sou fina.*

\_\_\_ Ele quem?

Daí, para você ver como é, foi tão rápida a reparação:

\_\_\_ Aí, nossa, desculpa!

Porque é algo que precisa faltar o respeito comigo?

Simplesmente por eu ser uma pessoa trans?

Pra depois ter que se desculpar comigo?

Porque eu exigi praticamente que ela se desculpasse com a minha fala.

**Isso é ridículo!**

*O meu gênero está estampado na minha cara e o pronome de tratamento do meu gênero é no feminino!*

Estão demolindo  
o edifício em que não morei.  
Tinha um nome  
Somente meu.

Meu, de mais ninguém  
o edifício  
Não era meu

Rápido passando  
Por sua fachada  
Lia o nome  
Que era e é meu.

Cai o teto,  
ruem paredes  
internas.  
Continua o nome  
Vibrando entre janelas  
Buracos.

Sigo a destruição  
de meu edifício  
amanhã o nome  
letra por letra  
se desletrará

Ficará em mim  
o nome que é meu?  
Ficarei  
para preservá-lo?

### ***No feminino!***

Então, essa pessoa, ela não é inteligente o suficiente para atender cliente,  
não!

Então, vai ser do meu jeito!

Se não aprende pelo amor, aprende pela dor!

Foi assim comigo,

vai ser assim com os outros também!

Silêncio!

Eu costumo dizer que bicha de noite na rua é bonito, mas bicha no mercado é feio, porque é isso que a sociedade cobra!

Você vê a transexual na rua de noite!

Enquanto elas estão lá vendendo o corpo na esquina, cobrando pra sexo, a sociedade aceita numa boa, tanto é que ninguém mexe com travesti no ponto.

Amanhã o galo  
Cantará o fim  
do que no edifício  
E numa pessoa  
cabe em um nome  
e é mais do que um nome.”

O Nome,  
por Carlos Drummond de Andrade (2012b).

Silêncio!

Você já reparou?  
Já ouviu falar?

Ninguém mexe com o viado no seu ponto.

Mexe para ver!

Ninguém mexe!

*Agora, se você vai à padaria comprar um pão de manhã, tem um engraçadinho pra te xingar; se você vai no mercado fazer uma compra, tem um palhaço pra rir de você.*

*Outro dia eu estava vendo um depoimento de um caso homofóbico, transfóbico: um infeliz, um coitado dizendo, na fala dele, que “essas aberrações”, que somos nós, “as aberrações da Terra”, não temos espaço e que “nosso lugar é na esquina”; o único lugar que sobrou para a gente, ele dizia, foi a sarjeta, se drogando e se prostituindo, ou “nos shows de aberrações” que acontecem nas boates gays!*

*“Esse é o seu lugar na sociedade, não tem lugar para você!”*

*E infelizmente essa é a realidade da sociedade: travesti é bonito de noite na rua, porque vai lá o marido da senhora fazer programa, o menininho bonitinho, o vovozinho, o rico, o playboy, o feio, o nóia!*

*Estão todos lá!*

*Estão todos lá pagando para ter sexo com a travesti, a trans, o que for!*

*Então, o bofe é bonito na rua.*

O nome ao qual se identifica o sujeito pode ser compreendido como uma forma de objetivação e reconhecimento de sua existência. Sua negação implica na negação de sua existência. Esta experiência vivida por Yonara é também vivida por muitas travestis e transexuais.

Luma Andrade, a primeira travesti no Brasil a conquistar um título de doutora e ocupar uma cadeira como professora titular de uma Universidade, ao comentar a recente decisão do Ministério da Educação (MEC) em homologar norma que torna direito legal o uso do nome social em escolas de educação básica de todo o país, afirma:

Eu vivenciei, na minha trajetória de vida, toda esta negação do espaço escolar, de não ser reconhecida enquanto a pessoa que eu me identifico. Então, o nome ser negado significa ao não acesso aos espaços educacionais; portanto se trata de uma negação de um direito fundamental que é a educação. E para respeitar e para tratar bem as pessoas trans, se faz necessário o respeito, primeiro, a sua identificação e a sua existência, que é o nome. (MOREIRA, 2018)

*Trabalhando em um consultório médico, numa escola, sendo uma professora, uma advogada, uma diretora de escola – que tem algum caso que eu já vi –, uma médica, uma enfermeira, são pouquíssimas!*

*Pouquíssimas as que temos profissões, porque nós não temos espaço para isso.*

O ENEM, por exemplo...

Quantas e quantas mulheres trans nós somos no Brasil?

Sabe quantas puderam usar o nome social no ENEM?

**Noventa e seis!**

Noventa e seis mulheres foram autorizadas a usar seu nome social no ENEM.

Depende de muita burocracia.

Quantas nós somos?

No meu bairro somos seis querendo estudar, querendo fazer ENEM, querendo passar no SISU, essa porra toda! Essa porra que o governo faz!

E tem esse espaço?

**Entendeu?**

No médico, você vai ao médico, as enfermeiras falam que você não pode exigir seu o nome social:

\_\_\_ Pede para pôr com educação!

**Educação é o caralho!**

Estas falas que não são individuais, mas coletivas, retratam a dinâmica social da maioria das cidades brasileiras que, ao negar a existência das pessoas trans, as repelem dos espaços de convivência e circulação, as aviltam do direito às políticas públicas, reforçando e instituindo espaços considerados marginais.

Yonara aponta a negação do nome social não apenas na escola, mas também no comércio, na delegacia, nos serviços de saúde que refletem a tensão da lei com a cultura médico hospitalar. E as estratégias de exclusão, além da violência física e verbal, aparecem na burocratização do acesso, na exigência de uma passividade, de uma posição servil diante daqueles que detêm o poder desse acesso (os médicos, o MEC, a diretoria da escola, como exemplos).

Quanto aos lugares possíveis de serem habitados pelas pessoas trans, Yonara aponta a rua. Não a rua do dia, mas a rua da noite.

É meu o direito, está escrito aqui, ó: “nome social”.

Tá escrito no caderno do SUS! É meu direito! Mas eu não posso exigir porque eu não tenho voz, porque eu não sou ninguém! É assim que as pessoas pensam. Essa é a realidade, mas ninguém fala.

Entendeu?

Quantas de nós são mortas, assassinadas, todos os dias, e ninguém fica nem sabendo?

Ninguém nem fica sabendo!

*Só ficam sabendo quando a família vai gritar na televisão e falam: “mataram meu filho, minha filha”. Ou quando na internet, nesses apelos que tem hoje em dia, na rede social, começam a postar fotos da pessoa morta, da pessoa estrangulada. Aí chama a atenção! Mas precisa disso? Precisa ver a pessoa ali, sangrando, morta, roxa, esfaqueada, estrangulada, com um objeto enfiado no ânus, para chamar atenção?*

*Hoje, uma queixa minha por preconceito, por discriminação, não faz diferença nenhuma na minha vida, eu não vou ser melhor por isso, por que ninguém olha sério.*

Silêncio!

Os locais de acesso e circulação são determinados a partir de cenários que os institucionalizam.

Neste paradoxo exclusão-inclusão, é possível perceber que as travestis e transexuais não estão fora da sociedade, mas projetadas a um lugar de margem, em determinados espaços (em algumas ruas) a depender da hora (geralmente a noite), para responder a uma função (a prática da prostituição), cumprindo o que Chauí (1994, p.79) chama de “integração invisível” na “lógica social”.

Reis (2008) em uma pesquisa sobre “subjetividades e construção identitária de travestis do Jardim Itatinga”, no município de Campinas-SP, aponta que

as travestis são mais que corpos abjetos, como nos diz Butler (2003), são sujeitos abjetos, desprezíveis, execráveis e que devem desaparecer, tanto que em toda minha militância, ouvi várias histórias de travestis que foram assassinadas e, no entanto, nunca soube de nenhum assassino que tenha sido preso, ou condenado. (...)

Eu deixei na delegacia colocar “ele”!

Eu não fui por mim.

Na delegacia quase nem tenho coragem de falar “me chama por ela, por favor!” porque é perigoso você ser presa por desacato.

Entendeu?

Então, você tem que ir à delegacia fazer um boletim de ocorrência, porque você foi agredida, mas que não vai virar em nada, porque eles não estão nem aí para você!

Você vai ser a escória!

***Ser transexual,  
hoje,  
é fazer  
parte de uma minoria,  
abusada,  
em todos os sentidos,  
em questão de ser humano.***

*Não existe nenhuma recompensa em ser transexual, e não é uma opção, não é uma escolha. Ou você deixa sair, ou você morre, ou você se mata.*

Eu acho que é isso!

E não é só a minha história, é a de todas.  
Melina não saiu do banco?  
Eu achei um absurdo.

Nesse sentido, a violência, tanto em sua forma concreta quanto simbólica, atinge as travestis que transitam nos espaços de prostituição. Cabe mencionar os assaltos e as agressões físicas e/ou verbais, sem contar a exposição constante às chamadas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), principalmente a AIDS. (REIS, 2008, p. 103)

Ruas noturnas, espaços “aceitos” para circulação e habitados pelas travestis e transexuais, ao que se refere Yonara, configuram-se circuitos de ausência quase total do Estado, das políticas públicas e de qualquer forma de garantia de direitos sociais.

A tentativa de ultrapassar o muro simbólico, que está entre o breu da noite e a luz do dia, é acompanhada de um movimento de impelir através das piadas, ofensas, ameaças sofridas e negação da existência trans.

E, novamente, é uma fala que corresponde a uma coletividade. Como bem diz Yonara, “não é só a minha história, é a de todas”.

Mas... E o que fazer? Tem saída?

Em primeiro lugar você tem que ser forte, porque vai vir a recompensa também!

É recompensador você poder andar de dia na rua, de cabeça erguida, sem estar drogada. Porque a maioria das vezes que eu andava na rua, há alguns anos atrás, eu estava sob o efeito de drogas e hoje eu não me drogo mais.

Há quatro anos praticamente!

E eu ando na rua e se eu vou ao mercado, o dinheiro com que eu estou pagando é meu.

**E isso não é o outro estar comigo, é eu estar comigo mesma!**

Eu sinto isso...

Esse dinheiro com que estou comprando esse pão eu trabalhei por ele e isso é recompensador para mim.

Entendeu?

Eu, acima de tudo, senti que...

Porque chega uma fase em que a sociedade e o que eles dizem de você deixa de fazer diferença. Ou você aprende a filtrar e selecionar ou você vai sofrer demais, né!?

Eu soube acordar de manhã, ir comprar o pão, fazer a minha comida.

Eu fui fazer uma corrida e tacaram uma lata de cerveja em mim, às sete horas da manhã, na rua!

Mas, se por um lado, o abuso, ou ser abusada, pode significar a violência sofrida, o desrespeito do outro, ele – o próprio termo – pode também nos oferecer um outro sentido: quem vai além do limite, que se arrisca, tensiona, que força as barreiras impostas.

Mesmo sabendo dos riscos corridos, Yonara não se volta à resignação.

Como diz a própria colaboradora:

Eu fui fazer uma corrida e tacaram uma lata de cerveja em mim, às sete horas da manhã, na rua! O que eu vou poder fazer? Eu não vou mais correr? Eu vou correr sim! Todos os dias! (...) Pra mim, o andar livremente na rua, hoje, é simplesmente poder ir e vir, não existe privilégio nenhum. E eu não me coloco acima ou abaixo de ninguém! Eu tenho direito de ir e vir de qualquer lugar. (OLIVEIRA, 2016)

E, assim, Yonara faz de seu corpo um corpo político, que tensiona o habitual cenário da luz do dia, da padaria, do supermercado, dos serviços públicos de saúde.

O que eu vou poder fazer?

Eu não vou mais correr?

***Eu vou correr sim!***

*Todos os dias!*

### Entendeu?

Eu entro no supermercado e alguém me insulta: se ele estiver trabalhando no supermercado eu vou chegar para o responsável e vou pedir uma reparação. É o que eu posso fazer hoje! É isso eu posso fazer, porque eu estou ali comprando, não estou roubando, e com a maioria das pessoas é assim. Seja quem for, se ela for mal tratada no supermercado, ela vai cobrar de alguém que possa fazer alguma coisa e isso é o que eu faço hoje.

Pra mim, o andar livremente na rua, hoje, é simplesmente poder ir e vir, não existe privilégio nenhum. E eu não me coloco acima ou abaixo de ninguém!

Eu tenho direito de ir e vir de qualquer lugar.

A partir do momento que eu não estou incomodando ninguém...

Mas eu incomodo sem abrir a boca!

A partir do momento que eu não tomo nenhuma ação, não faço nada, e estou numa alegria de andar, de ir e vir da maneira como eu quiser, seja eu qualquer coisa: preta, branca, travesti, transexual, gay, lésbica, o que for, né!?

A partir do momento que eu estou fazendo a minha parte...

Eu acredito que todo mundo tenha direito de ir e vir!

E eu não admito mais que as pessoas me tirem esse direito, porque é muito difícil você viver.

Um corpo ocupado e que ocupa!

Reivindicando e (re)fazendo cotidianamente o seu direito de ir e vir.



Figura 2. Cartunista Laerte. Familiar. Blog da Muriel, 14/07/2010.<sup>34</sup>

<sup>34</sup> . Disponível em <[http://murieltotal.zip.net/arch2010-07-11\\_2010-07-17.html](http://murieltotal.zip.net/arch2010-07-11_2010-07-17.html)>. Acesso em 20/12/2017.

Trans se aceitar,  
trans se assumir...

Porque tem uma grande diferença entre você se aceitar trans e se assumir trans!

A parte de você se aceitar trans é aquele momento em que se descobre o que é aquilo, em que você descobre que aqui dentro vive uma menina, não vive um menino.

Então, você imagina o esforço que é para você aceitar isso daí.

Porque sempre te falaram que você era um menino, porque você tem um pênis, mas você não é! Então, se acostume com ele, pronto e acabou.

É mais ou menos assim!

Se não acostumar, também, corta fora!

Hoje já dá pra fazer, né!?

Por mais difícil que seja é um caminho.

Depois que você se assume trans é aquele momento em que todo mundo vai saber; que sua família vai saber; que você vai ter que ir ao churrasco do tio – aquele tio que vem lá do Paraná.

A vergonha é alheia, né!?

Porque as pessoas, as outras pessoas ficam com vergonha de você, os seus familiares vão sentir vergonha de você em algum momento.

**Fato!**

Em sua história contada, Yonara nos mostra, sobretudo, a sua forma de conduzir-se; nos mostra como reitera e resiste aos códigos morais.

E mais...

Nos mostra que ela é para além do que uma prescrição identitária, tornando-se sujeito moral da ação.

Foucault (2012b) nos ensina que a moral, referente ao sujeito moral, é as experiências e expressões apropriadas pelos sujeitos, ainda que estejam em relação às regras e valores que lhe são propostos pelo código moral, estes elementos prescritivos, resultados de um conjunto de aparelhos que determinam e assujeitam, mas que também estão vulneráveis às brechas, às fissuras.

(...) Designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta, pela qual obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição, pela qual respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que modo, e com que

Até os que se assumem aos seis anos de idade, como no caso que eu vi no documentário, vão passar por isso na escola; não vão deixá-la ser chamada por Melanie, nem usar o banheiro das meninas. Então, ela já vai começar a viver aí, vai viver mais cedo ainda a dor da vida, da trans!

Então, a hora que você se assume trans é uma batalha!

Você viver trans é você conseguir dar continuidade na sua vida mesmo depois de tudo isso, de já ter passado por tudo isso.

Algumas coisas são recompensadoras, algumas coisas são cruéis, terríveis.

Mas, a única solução é ser feliz! É tentar pelo menos, né!?

Eu tenho certeza de que se hoje eu raspar meu cabelo, deixar de ser Yonara para ser qualquer outra coisa que não seja eu, eu vou morrer, eu não vou viver, ou eu volto a usar droga, porque eu não vou dar conta, ou eu vou passar uma corda no pescoço e me matar! E eu prefiro me matar! Eu prefiro morrer a ter que ser alguém que não seja eu, hoje, nesse exato momento!

**Yonara!**

Seria a morte para mim me imaginar de qualquer outra forma.

Eu não conseguiria de forma alguma viver de outro jeito e eu deixei de me cobrar isso há muito tempo.

Eu tenho muito orgulho de mim, hoje!

Poxa, eu tenho orgulho de ser quem eu sou!

Eu sou uma pessoa que se respeita, independente se as pessoas me respeitam ou não. Eu me respeito, eu respeito a minha condição, e as pessoas que me respeitam são as pessoas que tem meu maior respeito!

Eu aprendi a viver assim, aos trancos e barrancos!

Não essa identidade trans, mas na forma como eu me vejo!

Não é [só] na identidade trans.

margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo, que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles tem consciência mais ou menos clara.” (FOUCAULT, 2012b, p.211)

E, assim, é ela, neste exato momento narrativo:

**Yonara!**

Foi ao espelho. Olhou-se profundamente. Mas ela não era mais nada. – Então – então de súbito deu uma bruta bofetada no lado esquerdo do rosto. Para se acordar. Ficou parada olhando-se. E, como se não bastasse, deu mais duas bofetadas na cara. Para encontrar-se. E realmente aconteceu. No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado. (LISPECTOR, 2016, p. 559)

## 4.2. A história de Heitor

*(...) pela minha natureza, eu não sou considerado gente, da forma como eu vejo o tratamento da rua.*

Minha história com o Heitor é curiosa.

Conhecemos-nos quando ainda éramos crianças e estudávamos juntos no ensino fundamental.

Eu era muito tímido.

Éramos, na verdade.

Talvez, o que nos separava em termos de grupo é que o meu não era o dos mais populares; o dele, a galera gostava e tinha certa admiração.

Saudade!

Estudamos três anos na mesma sala.

Com o fim desse ciclo escolar, nunca mais nos vimos.

Passaram-se quinze anos...

E um dia eu atendi o Heitor em um serviço de saúde através de sua demanda pelo processo transexualizador.

Lembro-me que eu estava com o seu prontuário em mãos, esperando sua chegada, e aquele sobrenome me soava familiar. Como a cidade não era muito grande, não era incomum nos depararmos com pessoas de sobrenomes iguais, por serem ou não parentes com algum grau de distância.

Quando o Heitor chegou, imediatamente o reconheci, no entanto, fiquei intimidado em contar. Não tínhamos um vínculo estabelecido e reconhecia as dificuldades dos LGBTs se sentirem acolhidos nos serviços de saúde, dada a histórica e atual marginalização que sofrem quando buscam estes espaços.

Passaram-se vários atendimentos até que eu sentisse se tratar do momento de contar.

Para minha surpresa, ele também lembrava, mas estava na mesma situação que a minha: “como isso poderia afetar nossa relação?”

Rimos relembrando os momentos da infância.

O Heitor é um rapaz de voz mansa, tímido, mas muito questionador. Por vezes, ficávamos horas conversando sobre qualquer assunto.

Também pude acompanhá-lo em diversos momentos de sua vida, de escolhas, em tempos felizes e de sofrimento.

Lembro-me que ele passava um momento difícil quando o convidei para participar desta pesquisa e, ainda que ele estivesse em um momento de recolhimento, aceitou me contar sobre sua vida.

O Heitor me recebeu em sua casa.

Eu cheguei e esperei um bom tempo até que ele me recebesse.

Ele estava dormindo, não se sentia bem, mas ainda assim pediu para que eu entrasse para fazermos o que fosse possível.

Era um período próximo a outra grande mudança na vida do Heitor, que se mudaria para São Paulo nos próximos meses.

Sentamos num banco que ficava em meio à grama. O clima agradável com uma leve brisa que beirava o frio nos acolheu.

O começo seria pela minha própria infância, só que sem perceber as questões de gênero.

Até porque e tive uma educação conservadora, tradicional, na escola e tudo o mais. Meus pais não tocavam no assunto, não conversavam.

E eu sentia...

C u l p a

A percepção é um elemento interessante nos jogos de saber, porque o sujeito não percebe – na relação com o de fora, o mundo – algo que supostamente já existia em sua interioridade, apesar da verdade assim querer funcionar. Ela – a percepção – parece funcionar na relação com o conhecimento, em que o sujeito se vê como um duplo<sup>37</sup> do outro.

A vontade de saber, conforme aponta Foucault (1985; 2006) é o efeito de uma filosofia dominante na sociedade: a do conhecimento.

---

<sup>37</sup> Segundo Deleuze (2005, p.105), para Foucault o duplo “nunca é um projeção do interior, é, ao contrário, uma interiorização do lado de fora”. Neste sentido, identificar-se transexual não é encontrar dentro de si uma essência naturalmente transexual, mas se ver transexual na relação com o outro, com o diferente.

Esse negócio  
de me perceber

de ser (?)  
de estar (?)

### HOMEM

não foi

é

de imediato

(mediado).

Por isso, a sexualidade-invenção, como um instrumento de regulação social, funciona na expansão do biopoder<sup>38</sup>.

O termo biopoder, especialmente, aparece pela primeira vez em *A Vontade de Saber*, o primeiro volume da *História da Sexualidade* de Michel Foucault (1985). Tanto por Foucault, quanto por outros autores posteriormente, o termo foi e tem sido utilizado para analisar as práticas de regulação da sociedade no campo da saúde. O biopoder foi – e ainda é – um dos mecanismos amplamente utilizados pela ciência médica.

---

<sup>38</sup> Foucault (2008, p.03), nas aulas de 11/01/1978 e de 01/02/1978, ao tratar sobre a governamentalidade aponta três mecanismos básicos de poder: o soberano, o disciplinar e o biopoder: o soberano é aquele que está acima de qualquer lei, que tem legitimidade para legislar sobre a vida – ou a morte – de alguém, e seu objetivo é a punição; o disciplinar é exercido sobre o corpo de cada um, é um poder individualizante, está na lógica de funcionamento dos estados modernos e capitalistas, que buscam a domesticação do corpo a serviço dos mercados, para a operação dos meios de produção, objetivando a vigilância e o controle; e o biopoder, que surge quando os corpos já estão disciplinados e se exerce nas e através das massas, das populações, com foco na prevenção e na correção. Portanto, o biopoder “é o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”. Mesmo percebendo principalmente essas três modulações de poder na história – Foucault, em seus trabalhos, também tratou do poder pastoral, da governamentalidade, ou seja, outras formas de poder – o autor não as trata de modo isolado ou estanque, como se houvesse uma sucessão temporal para cada uma delas, ele aponta para a coexistência dessas modulações, entendendo que, em cada momento da história e dependendo de cada contexto, uma pode ser predominante em relação às outras.

Lógico que eu me percebia  
*diferente*  
 com o desejo  
 de estar  
 masculino,  
 de ser,  
 necessariamente  
 aquele desejo forte  
 de ter nascido homem.

Na escola,  
 eu sempre fui o mais lerdo para essas coisas,  
 porque o que eu entedia sobre o que poderia  
*vir a ser sexualidade*  
 era a formação do corpo  
 e os interesses do tipo:  
 as meninas gostavam dos meninos  
 e os meninos das meninas.  
 Essas coisas.

Com base na estatística e na biologia, a medicina, a partir do século XIX, traçou um conjunto de crenças e valores para normatizar os impulsos sexuais e estabelecer seu controle, nomeado por Foucault (1999) como “dispositivo da sexualidade”.

Foucault (1985) deixa claro que o dispositivo da sexualidade é uma formação discursiva que influencia na forma como sujeitos e coletivos se relacionam com o próprio corpo e o dos outros; o dispositivo atua na relação, através da imposição de códigos de conduta. Por isso, a identidade está ligada à busca de semelhanças e a negação de diferenças, com intento representacional.

O dispositivo da sexualidade obteve sucesso na regulação da sociedade, pois sua criação congregou saberes e forças das ciências naturais e exatas, da moral cristã, do aparato jurídico e principalmente do capitalismo (o modo

Então, as coisas que eu conhecia  
não eram coisas  
que me despertavam interesse.  
E eu fui adiando a infância  
o máximo possível  
para não entrar  
nessa fase da puberdade que, para mim,  
não parecia nem um pouco interessante.  
Eu fui criança  
até começar aparecer  
as transformações no meu corpo  
e entrar nessa coisa chata...

Lembro-me de uma menina no prezinho  
que acabou enfiando  
uma agulha  
na vagina dela  
- uma história assim –  
e eu pensei  
“como assim, onde, enfiar?”.

de organização econômica das sociedades modernas).

O capitalismo enquanto projeto societário dominante que necessita da força de produção dos indivíduos e massas, de acordo com Foucault (1999), se interessou em deter o controle da população pela alienação dos corpos, estabelecendo uma biopolítica; coube à ciência médica este agenciamento, através da produção e difusão de um aparato tecnológico e discursivo, através de um saber científico, para classificação e intervenção sobre indivíduos e grupos. Por isso, o biopoder presente no ato médico se constituiu como estratégia para uma biopolítica.

É, portanto, através da sexualidade – um dispositivo moral, jurídico e científico – que o biopoder pode atuar tanto como poder disciplinar, quanto como poder regulatório e biopolítico.

É que minha mãe sempre falava para eu não mexer na borboleta!

E eu pensava:

“mas tem que limpar!”

Então eu cresci entendendo que era um lugar em que não se podia mexer.

.  
 .  
 .  
 a  
 ç  
**F u m a**

Esse negócio de conhecer o corpo é muito complicado, porque nunca ninguém me explicou nada sobre isso:

***Sobre disforia [de gênero]!***

Até pela formação católica que eu tive.

...

Entre um trago e outro, Heitor conta sobre sua formação católica, a impregnação dessa moral, dos espaços em que habitava e o sentimento de culpa que marca sua experiência com a sexualidade. Aliás, a expressão “culpa” fora trazida diversas vezes pelo entrevistado.

.  
 .  
 .  
 a  
 ç  
**F u m a**

A culpa como expressão da condenação cristã à sexualidade revela o valor negativo atribuído pela sociedade ocidental ao sexo e sua implicação nas subjetividades.

Para entender essa questão, Marilena Chauí (1994, p. 84) sugere que comecemos pelo funcionamento da ideia de pecado original, que compreende duas faces: 1) deixar seduzir-se

As amizades foram surgindo...

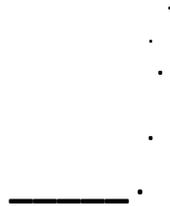
A Marina...

Eu andava mais com ela, era filha da amiga da minha mãe. Tanto que essa amiga da minha mãe acabou sendo madrinha minha de crisma.

E essas amizades que eu tinha, geralmente, eram parentes ou conhecidos dos meus pais.

Eu não podia escolher meus amigos, de fato, porque todos os amigos que eu escolhia eram considerados estranhos.

Então, eu fiquei muito preso nesses amigos, nessas amizades “de confiança”, como meus pais entendiam.



Estou lembrando...

Eu devia ter uns 12 anos...

(tentação) pela promessa de bens maiores do que os possuídos; 2) transgressão de um interdito concernente ao conhecimento do bem e do mal; quem não conhece o bem e o mal é bom por natureza.

Com efeito,  
descobre-se nu,  
sente vergonha  
e teme pelo castigo;  
perde o paraíso!

E perder significa queda, tornar-se mortal, conhecer a dor que prenuncia a morte, conhecer a carência e a falta. É nessa constelação que se desenvolverá a meditação dos primeiros padres da igreja sobre o sexo. (CHAUÍ, 1994, p. 82-109)

Com o sexo, o humano descobre o que é ter um corpo e a corporeidade expressa carência, desejo, limite e mortalidade. O pecado original é

Eu tinha curiosidade de saber como funcionava isso: o homem tem um pau, a mulher uma vagina.

Eu tinha curiosidade, por que eu não aprendi, não foi ensinado para mim que eu poderia tocar o meu corpo.

Então, desde pequeno, de repente, eu acabei ficando assombrando com as questões sobre sexualidade.

Eu sentia...

**Muita culpa.**

Quando veio a puberdade, veio o desejo, essa coisa física mesmo.

Então, eu descobri que todas as vezes que eu me tocava para descobrir o prazer, eu me sentia culpado: eu era católico, era como se fosse algo paralelo acontecendo.

Depois, eu fiquei mais calmo quando percebi que esse assunto ficava mais entre os amigos, e eu pensava: “ah, então não sou só eu!”. Então ficava mais natural esse negócio, mas, isso lá pela sétima, oitava série.

Dos 11 aos 14 anos eu ficava nessa coisa:

“eu sou criança, mas essas coisas não são de criança”.

Sozinho!

originário, pois descobre a essência do humano: ser finito, mortal.

E a finitude é a queda!

O sexo é o mal porque reafirma a corporeidade e a perpetuação da finitude.

Essa vinculação do sexo com a reprodução e a morte – o bem e o mal – fez com que a igreja o restringisse à procriação. Por isso, todas as atividades sexuais sem finalidade reprodutiva são consideradas ainda mais pecaminosas, como pecados mortais.

Chauí (1994, p. 82-109) afirma que toda uma pedagogia cristã em relação ao sexo – função vital do decaído – é construída no sentido de uma prática de continência e abstinência. Matar a morte só é possível pela prática da virgindade, do celibato – ideia reafirmada por diversos sacerdotes da época, como Gregório de Niza, Tertuliano e Graciano.

Daí, conhecendo as pessoas, tudo foi se ampliando.

*Entre tragos*

A gente tinha internet recentemente, era uma coisa nova, ainda.

Eu fui ter internet lá pra 1999, 2000.

Aí, eu posso falar, até sobre essa questão da sexualidade, com o que veio da internet. As respostas e todas as possibilidades estavam por esse meio.

Na vida normal era difícil, muito difícil.

Porque, para me conhecer de fato, poder pesquisar as páginas pornôis para ver como funciona, como acontecem as coisas, as salas de bate-papo, acabou sendo esse meu meio.

Dessa forma, Heitor vai contando de uma educação familiar marcada pela força da moral cristã na proibição do sentir de seu próprio corpo.

E não crescer, ao que parece, poderia ser uma forma de evitar a tensão que esse contato com a sexualidade e todo o interdito moral cristão resultaria.

Mas, conhecer o corpo não é apenas conhecer a sexualidade enquanto dispositivo e aceitá-la passivamente, o que seria uma forma de assujeitamento contrária ao governo de si, conforme propõe Foucault<sup>39</sup>.

O conhecimento é originário das relações de poder e é a partir delas que ele – o conhecimento – é buscado, alcançado.

---

<sup>39</sup> “Por ‘governamentalidade’ entendo o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, ainda que complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por forma maior de saber a economia política, por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Segundo, por ‘governamentalidade’ entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não cessou de conduzir, e desde muito tempo, à preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de ‘governo’ sobre todos os outros: soberania, disciplina, e que, por uma parte, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, de outra parte], ao desenvolvimento de toda uma série de saberes” (Foucault, 2008, p. 143-144)

Poderia não ter sido tanto assim se, de fato, na vida real fosse uma coisa mais natural.

**Não!**

Sempre foi tratado como um tabu, uma coisa que passava

**culpa!**

O mesmo era pra identidade de gênero: a internet.

Talvez não fosse esse recurso eu não teria entrado nesse processo de me questionar.

Até porque o próprio João Nery que fala sobre a transmasculinidade tem ido aos canais abertos.

Tem um ou outro comentário com ele, também, que aleatoriamente eu pude ver esse tema sendo tratado.

Caso contrário, dependendo da vida num todo, isso não ia acontecer assim.

.  
.  
.  
.  
.

Quando Heitor sugere conhecer a transexualidade pela ideia de “disforia”, há um deslocamento do saber religioso para o saber médico psiquiátrico.

Como vimos, Foucault alerta que, na história da sociedade ocidental, a ciência se consolidou como poder, dentre outras, para manutenção dos valores, crenças e práticas sociais dominantes.

As sexualidades que se desviam das normas que determinam o padrão heterossexual e cisgênero, até então consideradas pecados mortais pela moral cristã, assumem significado de patologia pela ciência médica.

Portanto, o discurso médico psiquiátrico, enquanto forma de objetivação e universalização dos comportamentos humanos, estabelece parâmetros de normalidade e anormalidade, de saúde e doença, e desde o seu surgimento esteve

Lembrei, agora, de um e-mail que eu recebi de uma pessoa. Nele, ela me chamou no feminino, com meu nome de registro, e eu me senti muito mal, não me identificava com aquilo.

Esse foi um momento muito marcante.

Um...

***ESTÁLO!***

Senti que eu não queria ser tratado assim.

Tem uma história, também, nesse período, muito importante nesse processo de mudança.

Eu tinha combinado de sair com um rapaz - ou tinha saído, não me lembro - e eu acordei desesperado e afobado, e o meu corpo começou a paralisar.

Eu sentei no sofá e aí eu percebi que havia chego a um ponto que eu nem conseguia chamar minha mãe: os músculos do rosto começaram a paralisar!

Foi tenso o troço.

Eu estava me forçando a sair com um rapaz.

comprometido com as práticas moralizantes e disciplinares.<sup>40</sup>

Para Bento e Pelúcio (2012),

o que temos de "científico" é a definição de transtornos de gênero ou disforia de gênero estabelecendo protocolos universalizantes, definindo a normalidade de gênero, orientando e autorizando intervenções para, ao fim, se reconhecer anemicamente que não há confiabilidade em suas afirmações.

Mas, Heitor buscou elementos de saber para dar sentido ao seu corpo, sobretudo a partir de relações que pudessem transpor o interdito da sexualidade.

---

<sup>40</sup> Com a invenção do saber médico sobre as sexualidades, no século XIX, nasce a partilha homossexual-heterossexual e, em 1948, o termo "homossexualismo" é incluído na sexta revisão do CID (Código Internacional de Doenças) como termo de inclusão, isto é, um exemplo dentro do diagnóstico de "desvio sexual", tornando-se uma categoria diagnóstica autônoma somente na oitava revisão, edição que também trouxe a patologização da identidade de gênero, com o termo "travestismo", pela primeira vez.

A gente foi ao hospital.

Deu como crise de estresse.

Depois de tomar o medicamento todo eu passei na doutora Márcia, uma médica que me acompanhou na adolescência.

Ela falou que a questão de sair com o rapaz para deixar de gostar de menina não funcionava, não era assim.

Ela falou assim sobre essa questão de gostar de homem e mulher:

\_\_\_ Olha, você pode experimentar!

E eu falei:

\_\_\_ Beleza!

*(Sorriso!)*

Aí foi que eu fiquei mais tranquilo, me sentindo entendido no meu desejo.

Então, quando eu tive a oportunidade de entender melhor esse sistema, eu

A internet, como meio, é reconhecidamente um instrumento que transformou o modo de obter acesso às informações e a um universo amplo de significações, de relacionar-se com outras pessoas e produzir subjetivações.

Sabemos, contudo, que a qualidade das informações, certa impessoalidade nas redes sociais, a espetacularização da vida, por exemplo, são elementos passíveis de muitas reflexões e críticas. No entanto, é inegável sua importância na história de muitos sujeitos, tanto na ampliação do seu horizonte existencial quanto no fazer político.

A experiência de Heitor com a internet é a experiência de muitos LGBT's.

entrei de cabeça, até por conta da idade, com a impressão de que eu perdi um tempo enorme vivendo uma coisa que no fundo eu não gostava.

Mas é difícil falar que desde pequeno eu queria, não foi bem assim.

Ao mesmo tempo, eu...

Lógico, as mudanças vieram, eu fiz o tratamento hormonal e tudo, só que no momento em que eu estou vivendo, eu não estou me sentindo lá aquelas coisas.

Mas, mesmo não sendo tão claro esse querer ser homem, eu acho que seria um interesse masculino de gênero, de ter o corpo, adequar.

E, de repente, passou um pouco esse vislumbramento, e não está tão sensacional assim.

Parece que eu aceitei, que eu me acalmei um pouco.

Depois de ter aflorado a identidade, quando eu converso com as pessoas que são próximas, eu tenho conversado de forma muito natural, muito igual.

A Thais, que foi minha vizinha, me falou:

\_\_\_ Puts, você é o irmão que eu queria ter!

João Nery<sup>41</sup>, ativista transexual, em uma entrevista, aos 67 anos de idade, aponta que

o lado positivo [das redes] é que elas dão acesso a um monte de informações. Eles [os trans] têm grupos de discussões e se organizam, inclusive, para lutar pelos seus direitos. Eu acho muito importante. É o maior avanço tecnológico que vi. (...) Eu acho a internet fantástica. Não tive acesso a ela na minha juventude e por isso me vi isolado, sem informação alguma que pudesse me ajudar, com quem eu pudesse dividir [minhas experiências]. (DELCOLLI, 2017)

Se por um lado houve abertura às experiências possibilitada pela internet, a adolescência de Heitor, do modo como ele a conta, foi um período de muita tensão e conflito na relação com as exigências do meio em que habitava.

---

<sup>41</sup> João Nery dá nome ao Projeto de Lei 5002/2013, de autoria do deputado Jean Wyllys (PSOL), que tramita no Congresso e trata da regulamentação das retificações de documentos para transexuais.

Então, ela me tratava como irmão dela! Eu sou o irmão mais novo dela.

E o relacionamento que eu tenho com a Thais é o mesmo que eu tenho com a mulher do meu irmão, que eu vejo que são muito parecidas.

É uma amizade engraçada, porque com a Thais eu conversava coisas de antes, de depois, do momento. Depois que aflorou essa identidade nova, eu me sinto à vontade, até porque, no nosso caso, tem coisas que batem, o marido dela é guarda, já trabalhou na guarda, e a gente sempre tinha o que falar.

O João, que conheci no grupo de hormonioterapia, um homem trans, sempre me chama para sair.

Ele sabe que você tá uma bosta e diz:

\_\_\_ Vamos sair!?

É engraçado!

E é foda, porque que ele é empolgado e sempre está convidando! E uma vez eu saí pra ver qual é que era a dele.

A gente foi num café.

Lá ele falou:

\_\_\_ Nossa, me explica esse negocio de Pansexual.

O entrevistado narra dois episódios marcantes dessa tensão que aconteceram em seu corpo:

- O estalo!

- E a paralisção!

Assim como no grito (contido) de Yonara, Heitor expressa aquilo que é impossível de ser falado, mas que é e tem sentido através da corporeidade.

Dai, eu expliquei e ele falou que se sente atraído por mim, na maior naturalidade!

*Risos*

Mesmo sabendo que eu me relacionava com a Melina que é mulher transexual.

Mas acho que ele ficou interessado sobre aquele negocio da mastectomia, do ambulatório de trans que eu mandei o *link* pra ele.

Mas, a informação tá no próprio link. Não é?

*Risos*

Mas eu acho essa coisa da atração natural.

Na minha cabeça, o mais natural possível para um homem trans se relacionar seria com outro homem trans: pela empatia, pela semelhança da natureza do corpo!

Estou falando das peculiaridades, mesmo, de que cada corpo expressa.

Eu falo que seria mais fácil.

Igual a mim, por exemplo: com um homem trans é uma coisa, com uma mulher cis é outra, com uma mulher trans é outra coisa completamente diferente, com um homem cis, também, ou com uma travesti é outra...

Nesse movimento, o corpo,

(...) agente e peça dentro de um jogo de forças presente em toda a rede social, que o torna depositário de marcas e de sinais que nele se inscrevem nesses embates, (...) tem na corporeidade seu 'campo de prova'. (SILVEIRA e FURLAN, 2003)

O “estalo”, uma ideia diante do incômodo ao ser chamado pelo nome de registro, e a “paralisação”, como resistência à sujeição de seu corpo, inauguram um acontecimento na vida de Heitor.

Um acontecimento que ainda estaria por vir...

Um devir...

Um devir homem?

Talvez...

São universos diferentes!

Mas, sendo e entendendo, eu acho que isso é natural.

Eu me relacionei um bom tempo com a Melina, que é uma transmulher, mas a relação com ela foi uma coisa que eu não dei conta. Mais pelo estado dela.

Ou ter visto, ter se mostrado completamente diferente de como eu a conheci antes.

O quadro de saúde dela, também...

O trem passando perto de onde eu morava é perturbador!

.....>.>.> > !!!!!!!

Porque ele passava perto da minha casa e perto da casa dela.

Na última tentativa de suicídio, ela escolheu justamente esse lugar.

Então, tendo a Guarda Municipal e a Melina, eu acabei não dando conta do recado não.

As coisas que mais pesam são essas.

Ou como disse o próprio colaborador, “um interesse masculino de gênero”. (MARCONATO, 2016)

Mas, o que pareceu despontar com maior importância nessa história foram os encontros, a alteridade, as pessoas que o entendiam no seu desejo, na sua diferença.

E é também neste momento que Heitor se percebe acalmando, deixando as coisas acontecerem.

O meu encontro com Heitor para a entrevista ocorreu em um momento difícil para ele: estava afastado do trabalho na Guarda Municipal e havia saído de um relacionamento há pouco tempo. Junto, ele experimentava a negação social do seu nome.

Como disse o próprio entrevistado, essas três situações foram as que mais pesaram e influenciaram o seu recolhimento.

E uma coisa que pesa demais, também, é esse negócio de que toda vez que eu preciso me apresentar a algum serviço, seja público ou privado, tem essa coisa do nome.

Mostrar documento...

Ser tratado de uma certa forma...

ter o barraco...

Presumir o barraco...

**AH!!!**

Igual à prova que eu ia prestar para um concurso público em que eu estava no limite. Ou melhor, eu já tinha ultrapassado meu limite.

Eu imaginei essa segunda fase do concurso e caso eu passasse...

Não aguento!

Não quero ficar treinando comunicação e bater boca por causa de nome social.

É uma coisa que pesa sim!

Heitor acompanhou o sofrimento da companheira, uma mulher transexual, e algumas de suas tentativas de suicídio.

Apesar da negligência do Estado na produção de indicadores sobre a população LGBT (agressão, homicídios e suicídios)<sup>42</sup>, diversas pesquisas indicam que a incidência da ideação suicida e/ou sua passagem ao ato é significativamente maior do que em relação aos que não se identificam LGBTs.

Em uma pesquisa sobre *Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas*, realizada por Teixeira Filho e Rondine (2012, p. 659), foi identificado que, na totalidade dos entrevistados, as taxas de ideação suicida no grupo que

---

<sup>42</sup> Os únicos índices de extensão nacional são produzidos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB).

Eu estava na entrada de Americana para fazer a prova e eu pensei:

“Putá que o pariu! Se eu passar nessa fase eu vou ter que passar por uma segunda fase!”.

Dai tem essa questão do nome, de pegar a ficha, ter que explicar.

Porque não tem espaço pra nome social. E é o da VUNESP, ainda!

Então, eu acabei desanimando e não fui fazer a prova!

Não quis! Voltei!

Acho que a questão do nome acabou pesando mais do que a própria prova.

Porque é cansativo ficar com esse negócio.

A minha identidade é uma identidade construída recentemente e ela não tá tão sólida assim para eu ter que ficar aguentado o não reconhecimento dela.

Pode ser que em um futuro não tão distante eu não me importe com isso, mas por enquanto é importante. Ou, senão, eu cheguei num ponto que, pelo cansaço, eu não aguento o tratamento inadequado e a confusão com o nome social.

Hoje eu encontrei as meninas da área azul em frente ao prédio INSS e ficamos conversando um pouco.

Eu não sei...

Não fosse esse tratamento pejorativo e pesado, em que eu sou tratado como um palhaço pelas pessoas, seria tudo muito tranquilo, muito aberto.

Só que é complicado!

respondeu como “não-heterossexuais” foi quase o dobro dos que responderam como “heterossexuais”. A taxa de tentativa de suicídio foi ainda maior: quase o triplo.

Em números:

- Ideação suicida: heterossexuais (20,7%); não-heterossexuais (38,6%).

- Tentativa de suicídio: heterossexuais (6,8%); não-heterossexuais (19,8%).

Apesar da pesquisa não tratar especificamente de sujeitos que se identificam como transexuais, ela demonstra a implicação dos enfiamentos sociais, culturais e institucionais no sofrimento vivido por muitos LGBTs.

Ainda bem que eu me distanciei do que eu entendi que não teria naturalidade para continuar o contato, como a minha família, por exemplo.

Não é a família toda.

Eu sei que eu tenho uma tia e uma prima que me aceitaram e eu mantenho alguns contatos na internet, no facebook, com duas primas, outra tia. Mas a família mora quase toda grudada um com o outro e eu não posso ficar passeando lá.

Eu não quero trombar!

Eu não quero ver na minha frente mais da metade das pessoas!

Eu não sou tolo de ficar circulando nesse mundo!

Eu estava em Americana, mas parecia que eu estava em outro estado.

Eu não estava circulando nos meios que eu circulava na minha vida.

Porque eu lembro muito do que meu pai falou e parece que eu vou ter esse tipo de tratamento.

Meu pai falava:

\_\_\_ Aqui em casa você é *muié*!

*Se ele deixou bem claro que lá eu sou uma coisa que ele quer, então você espera sentado de que isso vá acontecer!*

*Eu não sou!*

Novamente, estamos diante de uma história que expressa um sofrimento que não pode ser individualizado.

A experiência de dor e recolhimento expressa por Heitor, bem como o contato com a fronteira vida-morte na história de Yonara, diz de um sofrimento que precisa ser politizado: o sofrimento ético-político. (SAWAIA, 2001).

A demanda pelo reconhecimento do nome social e a revisão da legislação para mudança do nome de registro de pessoas trans é um exemplo da necessidade de politização desse sofrimento.

Hoje, é necessário recorrer à Justiça para solicitar a mudança nos documentos. Segundo o Tribunal de Justiça de São Paulo, no estado, nos últimos três anos, 203 pessoas pediram retificação de sexo, sendo 58 até julho deste ano, 87 em 2015 e 58 em 2014. (MACHADO, 2016)

*A escolha não é deles, e eu imagino que esse tratamento eu possa ter sim nesse ambiente todo.*

*Eu evito!*

*Outro dia, o meu primo veio no mercado perto de onde eu morava, eu falei:*

*— Porra, tem tanto mercado nessa cidade, porque ele vem nesse?*

Mas, enfim, tá funcionando.

Fora esse um que veio aí, tá funcionando!

É viver na cidade como se eu estivesse morando em outra.

Isso eu me dei conta: de evitar contato com quem eu sei que eu teria problemas.

É uma forma de me poupar e não me desgastar. Porque, realmente, é muito desgastante, é extremamente desgastante, e eu não estou com energia.

Então, se me poupando eu não estou com energia, imagina se eu não me poupasse!?

.  
.  
.  
.  
.

Na mesma matéria, referente à citação acima, publicada pelo Portal G1 de notícias, a estudante de medicina Alice Quadros afirma que o "nome social é interessante, sim", e que o fato de algumas instituições e estabelecimento incluírem o nome social em prontuários, formulários, dentre outros documentos, tem valor de conquista para a população trans. No entanto, para ela, ainda se trata de um "retalho de direitos", pois, em decorrência da forma – geralmente o nome social é acompanhado do nome de registro - há poucas garantias. “Ela já foi chamada pelo nome de registro no ambulatório da faculdade e até em sala de aula, durante confirmação de presença”. (MACHADO, 2016)

Esse desgaste também sofrido por Heitor é o da negação da sua existência, da possibilidade de afirmar-se como sujeito diante do mundo objetivo.

Acho que a necessidade fundamental é o reconhecimento

Em relação ao trabalho eu tive uma serie de descontentamentos.

Trabalhei na Guarda Municipal e acho que todas as cartas da manga que eu poderia gastar eu gastei lá.

Então, eu me desgastei demais.

Eu fui convocado pra responder sobre as faltas ao trabalho.

Eu ainda tinha que ir lá responder por que eu faltei.

*Eu não aguentava mais!*

Eu fui...

Se eu não fosse, de repente eu poderia ter alguma punição.

Então eu tive que ir.

As faltas foram sintomáticas.

Sintoma desse quadro todo.

É uma coisa que não dependia só de mim.

de um nome. Sem um nome que nos represente, não existimos, somos completamente invisíveis, abomináveis, abjetos na sociedade. (João Nery)<sup>43</sup>

O recrudescimento de uma matriz cultural que se fecha ao reconhecimento da existência trans produz o que Butler chama de “corpos abjetos”, ou seja, “todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante'”. (PRINS e MEIJER, 2002)

No entanto,

a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural. (BUTLER, 2000, p. 161)

---

<sup>43</sup> Conforme Lisboa (2017).

O gatilho estava lá na Guarda e eu acabei me esforçando tanto que, de certa maneira, eu acabei adoecendo, também.

Tinha muitas perguntas inconvenientes. Perguntas de má fé no trabalho da Guarda.

No início, eu respondia porque eu pensava que, explicando, as pessoas iriam entender e as coisas iriam melhorar.

Quando a gente entra na Guarda, antes de iniciar o trabalho, todo mundo passa por um curso. Lá a gente discutiu muito essa questão da sexualidade, da transexualidade. Mas quando acabou o curso, as perguntas que eles faziam pareciam que esse assunto nem havia sido debatido antes.

Sendo o diferente lá, eu acabei virando meio que um bobo da corte.

*Tinha perguntas sobre a intimidade, a sexualidade, só que de maneira debochada. Em muitos momentos eu me sentia uma piada!*

*Foi muito complicado!*

*É complicado!*

A experiência de Heitor na Guarda Municipal retrata o comprometimento da corporação com os processos de moralização e disciplinarização dos corpos, que se mostra tanto através do tratamento “na rua”, quando da abordagem com travestis e transexuais, quanto em relação ao diferente dentro da própria organização.

Segundo o entrevistado, “sendo o diferente lá, eu acabei virando meio que um bobo da corte”. (MARCONATO, 2016)

Essa necessidade da reafirmação do masculino como próprio do homem cisgênero, que supostamente congregaria atributos como virilidade, força, voz grossa, velocidade, dentre outros, se sustenta nesse processo de exclusão, inferiorização e humilhação.

*A transfobia, o machismo, tudo o que envolve isso está lá!*

*E eu tinha que estar me explicando?*

*Eu, não hormonizado, com voz fina, corpo feminino, falando que sou homem pra um monte de gente que não entende esse negócio de identidade de gênero e fica desqualificando sua identidade dia após dia?*

Claro, depois que veio a hormonização, veio um pouquinho mais de paz.

Mas não completamente.

Eu teria paz se fosse um deles, tendo nascido com a identidade de gênero alinhada, bonitinho assim e tal com o corpo.

E agravou o fato de não ter nenhum igual a mim, lá.

Tinha as mulheres e os homens cis.

Não tinha mulheres lésbicas na minha turma.

Homem gay, alguma coisa.

Mas homem trans, não!

Então, nessa questão, eu me sentia muito sozinho lá.

Era **pesado**:

Não ter alguém semelhante, igual a mim;

A forma como a escolinha preparatória da Guarda foi montada;

Esse negócio de ser sempre escolhido por ultimo nas atividades que tinham.

Heitor se torna o eixo de constituição e manutenção identitária dos outros, sendo ele o outro dos outros.

Dessa forma, a constituição de uma identidade travesti e/ou transexual é encarada, muitas vezes, como uma dupla afronta: ao binarismo de gênero e à supremacia do homem cisgênero.

Se, de um lado da moeda, está a abjeção dos corpos, a negação da existência e a marginalização de sujeitos trans e travestis, do outro, enquanto potência, está a ameaça de sua existência tensionando as fronteiras do masculino e do feminino, do possível e do impossível. E é por isso que os corpos trans e travestis se inscrevem como corpos políticos.

Eu era escolhido por falta de escolha. Eu era sempre o ultimo: primeiro eram escolhidos os mais velozes, depois vinham os mais legais, depois os medianos, depois as mulheres, depois eu.

Nas atividades se desenvolvia a interação, vez ou outra precisava de comunicação, precisava de condicionamento físico, velocidade. E, nos últimos meses da escola, resistência eu tive de sobra; força também; velocidade não, porque eu não sou rápido; comunicação eu não me considero um mal comunicador, desde que me ouçam. Eu não fico insistindo para que as pessoas me ouçam no grito.

### **O que acontecia era que não queriam dar ouvidos para mim!**

Então, eu ficava na minha.

### **Sabe o que é?**

Pela minha natureza, eu não sou considerado gente.

Eu sei, eu vejo como é o tratamento da rua.

E eu sei que eles só não me tratavam da mesma maneira porque lá dentro dá merda! Então, eu entendo que o “respeito” que eu tive, foi o respeito na marra, porque os instrutores ensinavam. Os instrutores foram de fato muito atenciosos para que isso não ocorresse. E se mesmo com essa atenção toda dos instrutores já era assim, eu nem imagino como poderia ter sido sem eles.

Então, de repente, sejam essas três coisas as mais expressivas.

Levava uma vida sossegada  
Gostava de sombra  
E água fresca

Meu Deus  
Quanto tempo eu passei  
Sem saber!

Foi quando meu pai me disse  
"Filha, você é a Ovelha Negra  
Da família"  
Agora é hora de você assumir  
E sumir!

Baby, baby  
Não adianta chamar  
Quando alguém está perdido  
Procurando se encontrar

Baby, baby  
Não vale a pena esperar  
Oh! Não!  
Tire isso da cabeça  
E ponha o resto no lugar.

Ovelha Negra,  
interpretada por Rita Lee (1975).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio proposto pela História Oral é superar o modo tradicional de se fazer pesquisa. Como uma metodologia que questiona a utilização de registros através de depoimentos para confirmar hipóteses predefinidas pelo pesquisador, sua prática sugere o que Caldas (1999) chamou de “ação criativa”.

É por isso que a História Oral se afirma como uma proposta metodológica potente. Nela habita a possibilidade de romper com as pretensas respostas universais e generalizantes, ampliando espaços na academia aos saberes produzidos em sua singularidade, saberes que se produzem nas infinitas experiências.

Mas isso não quer dizer que a História Oral se ocupa de histórias individuais.

Pelo contrário.

Como vimos através das narrativas de Yonara e Heitor, muitas de suas experiências são transpassadas por histórias coletivas. Os conflitos oriundos da exigência burocrática de explicitar, em documentos, o nome social e de registro, o sofrimento em decorrência da transgressão à norma, da transfobia, a arte de reexistir, são questões que afetam uma “multidão de corpos”, como diriam Negri e Hardt (2005, p. 248). Corpos que se cruzam na multidão, que se misturam, se transformam, “são como ondas do mar, em perene movimento e em perene e recíproca transformação”.

Não é à toa que Meihy (2005, p. 53) trata da comunidade de destino: coletivos, grupos ligados por algo que os identifique.

Mas, ao mesmo tempo, a história de cada um não pode ser contada da mesma forma e, tampouco, reduzida a um elemento da vida humana, neste caso, a sexualidade. Como cada um viveu a experiência de *ser* ou torna-se trans, as memórias, os afetos e a forma de dizer-se são singulares. Os valores, as crenças, os discursos reiterados, as dobras e fissuras são únicas, porém, não se constituem independentes, mas são produzidas na relação com o social.

Portanto, a narrativa como reconstrução do passado é flexível e os eventos narrados se dão à luz do vivido no presente. Tudo o que envolve e acontece no momento narrativo – o local; quem é o pesquisador e como ele se coloca; os sons; os objetos presentes; as interrupções; como o sujeito se sente naquele momento; e uma infinidade de coisas

possíveis – implica no ato de contar. Além disso, como vimos, a narrativa pode evocar, manifestar identidades e diferenças, confrontar relações de poder.

Cabe ao pesquisador dar o tom dessas experiências. Por isso, é de fundamental importância a maneira como se escuta e registra as histórias ouvidas, tornando os narradores personagens centrais de suas vidas contadas. Ainda que se reconheça a desigualdade entre pesquisador e pesquisado, como bem lembra Larrosa (1996, p. 478) ao afirmar que “se o discurso (...) é o resultado de uma fabricação narrativa, isto é, de um conjunto de operações no discurso e com o discurso, essa fabricação não se faz sem violência”, acredito que em todas as fases desse trabalho consegui dialogar com os colaboradores, e que os textos transcritos ao resultarem, como pensa Caldas (1999, p. 110), de uma “poética da experiência, clamam por uma poética da leitura e por uma poética da interpretação”.

Sendo a memória “um suporte para as narrativas de história oral” (Meihy, 2005, p. 62), considero que as lembranças de vida dos narradores desta pesquisa se tornaram vivas, tanto porque fazem parte do repertório inscrito no conjunto social das demais memórias, como também são vidas que ao serem narradas confirmam o presente e expõem as circunstâncias de vida que orientam suas histórias.

Yonara e Heitor foram os protagonistas de muitas histórias. Afetado por elas, reativei minha memória e, com ela, passado e presente abriram-se a múltiplas possibilidades. A cronologia do que me fez foi rompida. O que estava sufocado, a escrita fez escapar; o que foi esquecido e abafado, explodiu em estilhaços que tento juntar, a cada dia, reinventando a vida.

Toda a minha formação acadêmica até a chegada ao mestrado, no que diz respeito à produção e apresentação de uma pesquisa realizada, foi baseada em um modelo tradicional. Tensionar essa tradição foi – e tem sido – um trabalho árduo; é confrontar o poder de uma cientificidade acadêmica baseada no positivismo, no empirismo, no discurso tecnicista e numa suposta neutralidade do pesquisador frente aos “objetos” de estudo.

Foi  
e tem sido sobre-tudo  
confrontar-se  
com as inseguranças,  
o saber de si  
e dos outros,  
o outro.

Mas aos poucos busquei  
me arriscar  
me lançar sem  
[muitos] medos  
nesta experiência.

## 6. REFERÊNCIAS

ABRUNHOSA, Pedro. Balada de Gisberta. In: BETHÂNIA, Maria. **Amor Festa Devoção**. Ao vivo. Rio de Janeiro: Som Livre, 2010. 1 DVD. Faixa 17.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento ou resistência à ordem normativa**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>>. Acessado em 08/01/2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b, p. 31-32.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: GUARCIRA, L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 151-172

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. **Revista Zona de Impacto**. ISSN 1982-9108. Vol. 1, ano I, 1999.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999.

CASSEMIRO, Luiza Carla. **Tenho o direito de ser “Amapô”: a trajetória de travestis e transexuais face a implementação das políticas públicas de assistência social e saúde**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

DEJOURS, Christophe. **A Banalização da Injustiça Social**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Felix. **O Que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

\_\_\_\_\_. O que é a desconstrução? **Le Monde**. Suplemento especial, outubro de 2004, 2004b.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. 3ª edição, São Paulo: Editora Atena, 1957.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região. **Psicologia e diversidade sexual**. São Paulo: CRPSP, p. 10-19, 2011

\_\_\_\_\_; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. In: **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, nº 3, 2009, p. 54-81.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012a.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos, volume V: Ética, Sexualidade e Política**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012b.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: o Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**. São Paulo, Editora Martins Fontes: 2008.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.) **O sentido da escola**, v. 2, p. 17-41. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUIMARÃES, Áurea M. **Vidas de Jovens Militantes**. Tese de Livre Docência. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2011.

HOLANDA, Fabíola. Construção de narrativas em história oral: em busca dos narradores plenos. In: **Oralidades**, vol. 3, nº 6, p. 15-32, 2009.

HELLER, Agnes. **Teoria de los sentimientos**. 3ª edição. Madrid: Editorial Fontamara S.A., 1979.

LARROSA, Jorge. **La Experiência de La Lectura: estúdios sobre Literatura Y Formación**. Barcelona: Edital Laertes, 1996.

LEE, Rita. Ovelha Negra. In: LEE, Rita. **Fruto Proibido**. São Paulo: Som Livre, 1975. 1 CD. Faixa 09.

LEITE, Tarcísio de Arantes. O dilema da interferência na História Oral: novos problemas e novas respostas. In: **Oralidades: Revista de História Oral**. São Paulo: Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - NEHO, Ano 2, nº 3, p. 65-82, janeiro/junho, 2008.

LISPECTOR, Clarice. Ele me bebeu. In: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARCONATO, Heitor. **Entrevista II**. [abril de 2016]. Entrevistador: Alexandre Ceconello Marinho. Campinas, 2016. 1 arquivo .mp3 (58 min.).

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Canto de Morte Kaiowá: história oral de vida**. São Paulo: Editora Loyola, 1991.
- \_\_\_\_\_. Definindo História Oral e Memória. In: **Cadernos Ceru**. São Paulo, nº 5, série 2, p. 52-60, 1994.
- \_\_\_\_\_. (org.). **(Re)introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- \_\_\_\_\_; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- \_\_\_\_\_; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: **Congresso de Leitura do Brasil**. Vol. 16, p. 01-19, 2007. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais16/prog\\_pdf/prog03\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf)>. Acessado em 12/11/2016.
- MOREIRA, Cíntia. Uso do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares foi homologado. **Portal Novo Notícias**, 19 de janeiro de 2018. Disponível em <<https://www.novonoticias.com/cotidiano/uso-do-nome-social-de-travestis-e-transexuais-nos-registros-escolares-foi-homologado>>. Acessado em 21/01/2018.
- NEGRI, Toni; HARDT, Michael. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- NUNES, Cesar Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 5ª edição. Campinas: Editora Papirus, 1987.
- OLIVEIRA, Yonara de. **Entrevista I**. [fevereiro de 2016]. Entrevistador: Alexandre Ceconello Marinho. Campinas, 2016. 1 arquivo .mp3 (62 min.).
- PORTOCARRERO, Vera. Governo de Si, Cuidado de Si. In: **Currículo Sem Fronteiras**, vol. 11, nº 1, janeiro/junho, p.72-85, 2011.
- PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Editorial Espasa, 2008.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100009&script=sci_arttext)>. Acessado em 30/01/2018.
- RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. In: **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad**, nº 10, Rio de Janeiro, p. 140-164, 2012.
- SAWAIA, Bader Burian (org.) **As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Vol. 8. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINK, Mary Jane Paris. Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. In: SPINK, Mary Jane Paris; FIGUEIREDO, Pedro; BRASILINO, Jullyane (org). **Psicologia social e personalidade**. ISBN: 978-85-7982-057-1. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, ABRAPSO, p. 01-22, 2011.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O Vôo da Beleza: travestilidade e devir minoritário**. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. Pensamiento y Linguagem. In: **Obras Escogidas**. Volume II. Madrid: Visor Distribucion S.A., 1993.

**ANEXO**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### **Histórias Trans-Criadas: cuidado de si nas formas de (re)existir.**

**Pesquisador: Alexandre Ceconello Marinho**

**Orientadora: Áurea Maria Guimarães**

**Faculdade de Educação - UNICAMP**

**Número do CAAE: 66953717.3.0000.5404**

Você foi convidada(o) a participar como voluntária(o) de um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

#### **Justificativa e objetivos:**

O debate acerca das sexualidades tem crescido no Brasil e no mundo. Em paralelo, temos assistido o aumento da violência à população LGBT, em especial, às travestis e transexuais. Na perspectiva de contribuir neste debate, esta pesquisa busca explorar os processos de subjetivação e os assujeitamentos que dão sentidos às trajetórias de transexuais, através de suas narrativas, de um município de médio porte do interior do Estado de São Paulo. Além disso, visa tensionar os discursos que naturalizam a identidade e patologizam um sofrimento que não reside no sujeito e dele emana, mas, que provêm das relações estabelecidas com a cultura e as normas, de sua constituição enquanto sujeito moral.

#### **Procedimentos:**

A pesquisa se forma em torno da História Oral de Vida e dos procedimentos teórico-metodológicos desenvolvidos por José Carlos Sebe Bom Meihy, coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO).

Participando do estudo você está sendo convidada(o) a conceder uma entrevista que será gravada em áudio e posteriormente transcrita na íntegra, para atender aos procedimentos teórico-metodológicos desta pesquisa.

A entrevista ocorrerá em local de comum acordo entre o entrevistado e o pesquisador, priorizando o local em que o colaborador sinta-se confortável para conceder a entrevista.

De acordo com a metodologia em História Oral, as entrevistas são livres de questionários, havendo apenas a pergunta de corte, que diz respeito ao tema central da pesquisa, quando necessário. Além disso, não há tempo definido para a entrevista, que ocorrerá de acordo com a vontade, as necessidades e condições do entrevistado.

Após a transcrição, o pesquisador realizará a textualização da entrevista, a fim de se construir um texto claro e mais compreensível. Esse momento do processo é de cunho

privativo do pesquisador, apenas com a finalidade de facilitar o processo seguinte da pesquisa: a transcrição. Esta é a fase final da História Oral de Vida, quando o pesquisador utilizará da ação criativa para realizar mudanças no texto valendo-se de diferentes instrumentos literários (crônica, prosa, poesia, poemas, dentre outros), de acordo com a História Oral, além de diálogos com o pesquisador e a contribuição teórica e poética de autores escolhidos.

Somente após a conclusão deste processo é que se dará a oficialização deste termo, com as devidas assinaturas.

**Desconfortos e riscos:**

Todo o conteúdo da entrevista gravada é de responsabilidade do pesquisador e da instituição que o armazenará em local seguro.

Pela garantia dos limites da utilização das entrevistas e de sua identidade social, de acordo com o firmado neste termo, não há riscos previsíveis.

**Benefícios:**

Não há benefícios diretos. Os benefícios decorrentes da participação nesta pesquisa são coletivos, em termos de ampliar o debate e outros sentidos sobre a diversidade sexual e suas identidades, além de contribuir para o enfrentamento da violência e do sofrimento pela discriminação vivido por transexuais e travestis.

**Acompanhamento e assistência:**

Antes, durante e após as entrevistas, os pesquisadores estarão disponíveis, através dos meios de contato disponibilizados, a esclarecer quaisquer dúvidas que eventualmente possam ter os colaboradores.

**Sigilo e privacidade:**

Caso seja de seu interesse, sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Você poderá escolher, ao final deste termo, da utilização ou não de seu nome social nos resultados decorrentes desta pesquisa.

**Ressarcimento:**

Os participantes não terão nenhuma despesa com sua participação nesta pesquisa.

**Contato:**

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com Alexandre Ceconello Marinho, celular (19)99210.9956, e-mail: [alexandreccmarinho@yahoo.com.br](mailto:alexandreccmarinho@yahoo.com.br), ou Áurea Maria Guimarães, e-mail: [auguima@yahoo.com.br](mailto:auguima@yahoo.com.br).

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887, Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: [cep@fcm.unicamp.br](mailto:cep@fcm.unicamp.br)

**Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar.

Aceito que meu nome social seja divulgado nesta pesquisa e em outras atividades decorrentes, tais como seminários, congressos, livros, publicação de artigo em revistas científicas, dentre outras? ( )sim ( )não

Nome da(o) participante: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.  
(Assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável)

**Responsabilidade do Pesquisador:**

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.  
(Assinatura do pesquisador)